



Universidade de Brasília – UnB

Juliana Taís Havrechak

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**RELIGIÃO, PODER E GÊNERO: UMA LEITURA SOBRE AS  
FEITICEIRAS E O CRISTIANISMO NA IDADE MODERNA**

Brasília, DF

2014

Juliana Taís Havrechak

**RELIGIÃO, PODER E GÊNERO: UMA LEITURA SOBRE AS  
FEITICEIRAS E O CRISTIANISMO NA IDADE MODERNA**

Monografia apresentada ao Departamento de  
História do Instituto de Ciências Humanas da  
Universidade de Brasília – UnB, para a  
obtenção do grau de licenciado em História.

Dr. Marcos Aurélio de Paula Pereira

Orientador – HIS UnB

Dra. Neuma Brilhante Rodrigues

HIS – UnB

Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

HIS – UnB

## AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma especial ao professor Doutor Marcos Aurélio de Paula Pereira pela disponibilidade na orientação deste trabalho. Amigo de todas as horas a quem pude recorrer sem qualquer receio. Meu mais sincero agradecimento e desejo de muitas outras parcerias no caminho da história.

Minha gratidão também às professoras componentes da banca examinadora: Dra. Neuma Brilhante Rodrigues e Dra. Susane Rodrigues de Oliveira pela disponibilidade em avaliar este trabalho com carinho e atenção. Um obrigado especial à professora Susane por me iniciar neste tema tão fascinante.

Meus eternos amigos de curso da turma de 1º-2010: Aimée Natália, a inteligente; Ércio Beltrão, o caçador de fontes; Willian Peavezon, o historiador cineasta; Régis Marques, nosso professor de América; Malka, pelos papos em frente ao anfiteatro 5. Jamais os esquecerei!

Ao amigo Samir Haddad pela grande ajuda com as traduções e pelo apoio incondicional!

Ao meu pai, por todos os livros comprados!

**RESUMO:** este trabalho resulta de pesquisa sobre as perseguições religiosas frente a heresia de feitiçaria entre os séculos XV e XVII. Os processos inquisitoriais foram analisados tendo como objeto principal o manual *Malleus Maleficarum*, 1486, manual de caça às bruxas atrelado à Igreja Católica. Para as perseguições por parte da Igreja protestante foram estudadas as investigações do episódio ocorrido em Salem, 1692, Massachussetts – Estados Unidos da América. Numa breve análise procuramos identificar o início das perseguições às bruxas, o medo como fator determinante de subjugação, a identificação de o porquê as mulheres serem mais propensas a pactos com o demônio e, conseqüentemente, a ligação deste gênero à feitiçaria nos discursos da época. O objetivo principal foi atentar para as permanências das perseguições às feiticeiras após a Reforma, bem como a relação entre mulheres e feitiçaria.

**Palavras chaves:** Inquisição, Reforma, Igreja Católica, Igreja Protestante, Feitiçaria, Mulheres.

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Introdução .....   | 06 |
| Capítulo 1. A Pedagogia Católica do Medo e da Purificação..... | 09 |
| 1.1 O Santo Ofício da Inquisição e as heresias.....            | 09 |
| 1.2 Os dominicanos e os procedimentos inquisitoriais.....      | 10 |
| 1.3 <i>Malleus Maleficarum</i> .....                           | 12 |
| Capítulo 2. O Protestantismo e as Bruxas .....                 | 20 |
| 2.1 A Reforma .....  | 20 |
| 2.2 A Reforma de Calvino.....                                  | 22 |
| 2.3 Os Puritanos.....  | 24 |
| 2.4 Nos Estados Unidos da América.....                         | 25 |
| 2.5 Feitiçaria nos Estados Unidos – Salem.....                 | 26 |
| Capítulo 3. As mulheres, a Feitiçaria, o Diabo.....            | 32 |
| 3.1 As mulheres.....   | 32 |
| 3.2 A feiticeira.....  | 35 |
| 3.3 O Diabo.....   | 40 |
| Considerações Finais.....                                      | 44 |
| Referências Bibliográficas.....                                | 44 |
| Declaração de Autenticidade.....                               | 49 |

## INTRODUÇÃO

Qualquer período da história que se estude, podemos ver a humanidade ligada à religião. Seja com os titãs e deuses gregos e romanos, os augúrios do Império Romano, os índios americanos com suas ligações com a natureza, a diversidade de etnias do continente africano, no Japão onde o imperador era o próprio deus encarnado ou com o cristianismo que se expandiu pelo do mundo, entre inúmeros outros exemplos, a humanidade, de alguma forma, é religiosa.

A religião comumente esteve ligada com intimidade ao poder. Como diz Mircea Eliade: “Essa tendência é compreensível, pois para os ‘primitivos’, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o *sagrado* equivale ao *poder* e, em última análise, à *realidade* por excelência. O sagrado está saturado de ser” (ELIADE, 2010, p. 18, grifos do autor). Neste momento Eliade se referiu à sociedade arcaica, afirmando que os homens daquela época procurariam viver o mais possível na sacralidade e perto dos objetos consagrados, bem como para os homens das sociedades pré-modernas, de forma a conhecer e justificar suas próprias presenças no mundo. Mas veremos neste trabalho que esta preocupação em “viver no sagrado” (ELIADE, 2010, p. 18) também atingiu as sociedades modernas.

Este trabalho tem como eixo principal a tríade religião-poder-religiosidade nos séculos XV a XVII, e o sentido da religiosidade aqui apresentada incorre especialmente nos desvios de conduta que levaram as perseguições e condenações às heresias. Especificadamente será trabalhada a questão das perseguições religiosas, pelo cristianismo, frente à feitiçaria e como às mulheres as atenções foram direcionadas. Em todo o estudo será evidenciada a visão da época na qual a presença do demônio estava junto às mulheres, as colocando em contato próximo com as artes malignas da magia. Tivemos por objetivo alimentar a percepção da continuidade das perseguições religiosas frente à feitiçaria. Diversos autores foram utilizados para demonstrar como os momentos vividos pela sociedade proporcionavam o medo da perdição. Como tanto o catolicismo quanto o protestantismo acusavam as dificuldades das guerras, cisões, fomes e pestes como sinais da fúria divina. Enfatizamos como a presença do demônio passou a ser uma realidade vista pelo clero católico e protestante. Igualmente demonstramos como as mulheres foram as vítimas desta ambição na busca pela salvação. Observaremos, ainda, como o feminino foi colocado na sociedade em um lugar de deficiência.

Como principal fonte católica foi analisado o manual *Malleus Maleficarum*, um manual específico para o combate à feitiçaria, de confecção dos monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger, em 1486, discorrido no primeiro capítulo, *A Pedagogia Católica do Medo e da Purificação*. Com a devida autorização papal, teve como primeira atuação a região norte da atual Alemanha, mas que se estendeu por toda a Europa, se tornando um dos principais guias para os processos inquisitoriais relacionadas à feitiçaria já no início da Idade Moderna. Nele foi traçada a existência da bruxa, a presença do demônio na perdição da humanidade, como se identificar uma bruxa, quais seus poderes e como promover um processo inquisitorial – tratando aqui da instauração do processo, investigações, condenações e punições. De modo especial, este manual se ateu às mulheres. Foi apresentado como se apontava a inferioridade das mulheres devido à falha na sua origem, o que as tornavam mais propensas a pactos com o demônio e a importância de sua contenção. Através do manual a Igreja Católica teve as mulheres como retrato do ser débil e frágil. Veremos como a elas foi creditada a fraqueza moral, fisiológica e psicológica, pontos essenciais para alianças com o demônio.

Já com a Reforma, procurou-se observar as permanências com relação às mulheres e a feitiçaria. Foi analisada uma pequena parte das investigações das perseguições às bruxas em Salem, na região de Massachussetts, Estados Unidos da América, em 1692, transcrito no segundo capítulo, *O Protestantismo e as Bruxas*. Sob a religião protestante puritana foram investigadas mais de duzentas pessoas acusadas de feitiçaria, incluindo crianças, homens e mulheres de diversas classes sociais. Processos que levaram a prisões e intensos interrogatórios, a muitas conclusões de inocência, mas também a vinte mortes por enforcamento (KARNAL, 2011, p. 53). Neste ínterim, nos propomos a buscar as razões do porque mais mulheres acusadas e condenadas. A colocação delas na sociedade puritana e a importância da conduta religiosa na manutenção da paz e salvação da comunidade. Mesmo com as inúmeras mudanças ocorridas com a Reforma, as mulheres continuaram num papel subserviente e mais propensas a pactos com o demônio. Desta forma observaremos como a feitiçaria permaneceu uma afronta ao nome de Deus e às lideranças religiosas vigentes.

No terceiro capítulo, *As mulheres, a Feitiçaria, o Diabo*, abordamos a bibliografia de alguns historiadores que tratam de cada um destes temas. A ideia principal foi traçar um panorama da posição das mulheres na sociedade, iminentemente religiosa, que transita entre os períodos medieval e moderno. Ativemo-nos à visão que se tinha na época da utilização do

medo como elemento definidor do poder e como as ações do demônio constituíam um forte ponto na constituição das feiticeiras e, por consequência, a decadência da humanidade.

A importância deste trabalho se deu de forma a promover o conhecimento da formação hierárquica da sociedade do pequeno recorte dos períodos escolhidos. Aliando religião com social percebemos as relações estreitas e intrínsecas que possibilitaram a instituição hierárquica dos elementos da sociedade, bem como a conduta obrigatória a ser seguida sob duras penas coercitivas, principalmente, ao gênero feminino. Este trabalho foi somente o início de um longo caminho de estudo sobre como a religião cristã foi moldando uma parte do mundo que nos conduziu ao que conhecemos hoje.



# 1. A PEDAGOGIA CATÓLICA DO MEDO E DA PURIFICAÇÃO

*“Não deixarás viver a feiticeira” (Êxodo, 22,17)*

## 1.1 - O Santo Ofício da Inquisição e as heresias

Os últimos séculos do período medieval vivenciaram diversos eventos que direcionaram a sociedade europeia a um medo apocalíptico. O medo constante de guerras, da fome e da peste e os cismas que estavam acontecendo na Igreja Católica assombravam a sociedade<sup>1</sup>. Neste período final da Idade Média se falou muito sobre o apocalipse, e estas discussões tiveram continuidade no início da Idade Moderna quando os terrores do ano mil se apresentavam nas imagens traçadas no Antigo Testamento e na literatura medieval com maior intensidade (DELUMEAU, 1989, p. 206-226). Estas ideias do fim do mundo afirmariam a leitura dos aspectos punitivos que precederiam a vinda do Reino Celestial, onde a relação crime-castigo divino seria real e a humanidade precisava andar sob as regras rígidas do cristianismo para alcançar a eternidade salvífica<sup>2</sup> (DELUMEAU, 1989, p. 206-226).

A sociedade da Idade Média era dirigida religiosa e socialmente pela Igreja Católica, mesmo não se falando no domínio excruciante da religião, já que a Igreja seria a própria sociedade medieval, e esta estava completamente imbuída dos princípios e regras religiosos (BASCHET, 2006, p.168, 227). Foram necessários afrontamentos tidos como naturais para imposição do seu poder. Jérôme Baschet trabalhou com a ideia de que a progressão da Igreja remeteria, automaticamente, às lutas ao buscar sua afirmação. Os inimigos a serem afrontados seriam os pagãos da Alta Idade Média, as heresias que permearam os séculos XI ao XIII (de modo especial o anticlericalismo), as superstições e a cultura folclórica (principalmente com a necromancia), ou mesmo a feitiçaria (a contra-Igreja Satânica) (BASCHET, 2006, p. 244).

A Igreja Católica foi construindo o discurso de que a sua verdade seria o único caminho para a eternidade e salvação. As certezas e orientações estariam contidas nas

---

<sup>1</sup> Exemplos são: Peste Negra, o Grande Cisma (Igreja Ocidental com duas sedes: uma em Roma, Papa Urbano VI, uma em Avinhão, Antipapa Clemente VII, ocorrido na transição dos séculos XIV-XV), a Guerra dos Cem Anos, as lutas das Cruzadas e o avanço turco, a decadência moral do papado provocando a Reforma, entre outros.

<sup>2</sup> A concepção de Céu e Inferno onde os bons/escolhidos por Deus teriam a eternidade na glória de Deus, e os maus/ímpios estariam destinados ao fogo do Inferno devido a sua própria iniquidade perante as regras de Deus: Mateus 13, 36-43: “Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino *todos os escândalos e os que praticam a iniquidade* e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então *os justos brilharão* como o sol no Reino de seu Pai.” *Bíblia de Jerusalém*, Paulus: 2002, grifos originais da edição.

Sagradas Escrituras e a Igreja arrogava a si como única capaz de compreendê-la e transmiti-la. (BASCHET, 2006, p. 183). Importante era ter o exclusivo direito da transmissão da Palavra de Deus e manter vigilância para impedir pregações laicas e trabalhar nas deflagrações das heresias. (BASCHET, 2006, p. 183).

Neste contexto a salvação só seria alcançada na verdade explicada e difundida pelo catolicismo. Somente na Igreja haveria a revelação divina desta verdade de salvação, e os que não condissessem com ela deveriam ser expurgados. (BOFF in EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 9-11). Surgiu, assim, a necessidade da busca pelos culpados das calamidades sofridas pela humanidade e a consequente supressão dos pecados cometidos visando aplacar a fúria de Deus. Neste intuito a principal das estratégias criadas pela Igreja Católica foi o Santo Ofício da Inquisição. O Santo Ofício, que atuou entre os séculos XII e XIX, tinha a função de identificar e punir hereges, paganismos, bruxas e feiticeiras, grupos designados como “agentes de satã”<sup>3</sup> (DELUMEAU, 1989, p. 260-310), que iam contra os preceitos católicos.

## 1.2 - Os dominicanos e os procedimentos inquisitoriais.

A Ordem Dominicana foi fundada no século XIII por São Domingos de Gusmão que decidiu lutar contra a heresia dos cátaros. (BASCHET, 2006, p. 212). Embora fosse uma ordem mendicante, seus membros se dedicavam arduamente aos estudos teológicos. Em um meio em que a população era praticamente analfabeta e dependia dos padres para as orações dos preceitos religiosos, os dominicanos logo ganharam grande influência, inclusive nas universidades por sua reputada erudição (PEREIRA JÚNIOR; SILVEIRA; ROBERTO, 2007, p. 236). Receberam o nome de Ordem dos Frades Pregadores, dado pelo Papa Honório III, e sua missão é ainda hoje viver e pregar o Evangelho<sup>4</sup>. Os dominicanos tornaram-se especialistas nos assuntos inquisitoriais, passando a ser conhecidos como “cães do Senhor” (*domini canes*) (BASCHET, 2006, p. 212) e no *Malleus Maleficarum* há referência explícita da importância dos dominicanos na luta contra o alastro da feitiçaria (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 113).

Na bula *Summis desiderantes affectibus*, que autorizou o *Malleus Maleficarum*, o Papa Inocêncio VIII retratou sua preocupação com a disseminação da feitiçaria no norte da atual Alemanha, elencando todos os atos realizados pelas feiticeiras, apontando que

---

<sup>3</sup> Os “agentes de Satã” exemplificados por Delumeau (1989) eram os idólatras e mulçumanos (capítulo 8), judeus (capítulo 9) e a mulher (capítulo 10).

<sup>4</sup> < [www.dominicanos.org.br](http://www.dominicanos.org.br) >, acesso: março/2014.

negligenciavam a própria salvação ao se desgarraram da fé católica e se entregarem a demônios (PAPA INOCÊNCIO VIII in KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 43). Foi um documento para combater a feitiçaria. Anterior à bula, cartas papais haviam sido expedidas autorizando o trabalho dos inquisidores dominicanos Henry Kramer e James Sprenger, mas clérigos e leigos afirmavam que tais ações demoníacas não ocorriam – muitos afirmavam que a feitiçaria seria fruto da imaginação e ilusões populares, sendo herança dos tempos antigos – e que, portanto, os inquisidores não tinham direito de ação inquisitorial, não reconhecendo o poder das cartas papais. Daí a necessidade da bula *Summis desiderantes affectibus*, que garantia amplos poderes aos inquisidores dominicanos:

“no cumprimento de Nossas obrigações, mostrando-Nos absolutamente desejosos de remover todos os empecilhos e obstáculos que tornam morosa e difícil a boa obra dos Inquisidores, e também desejosos de aplicar remédios potentes para prevenir a doença da heresia e de outras torpezas que difundem o seu veneno para a destruição de muitas almas inocentes, já que Nosso zelo pela Fé é o que Nos incita especialmente, para que as províncias, as aldeias, as dióceses e os distritos e territórios da Alemanha, que já especificamos, não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado, pelo teor das presentes letras, em virtude de Nossa autoridade Apostólica, decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis” (PAPA INOCÊNCIO VIII in KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 44-45).

O manual *Malleus Maleficarum* explicava a grande importância da heresia de feitiçaria frente às outras e porque combatê-la:

“É preciso observar especialmente que essa heresia – a da bruxaria – difere de todas as demais porque nela não se faz apenas um pacto tácito com diabo, e sim um pacto perfeitamente definido e explícito que ultraja o Criador e que tem por meta profaná-lo ao extremo e atingir Suas criaturas” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 77).

As leituras sobre heresias tiveram importância de modo diferenciado ao longo do tempo e de acordo com a região. O *Directorium Inquisitorum, Manual do Inquisidor*, escrito por Nicolau Eymerich, em 1376, e revisão de Francisco de La Peña, em 1578 (1993), tratou na terceira parte da prática do ofício do inquisidor, mas na introdução se falou sobre a identificação da heresia e de quem são os hereges. Eymerich e La Peña (1993) explicaram no manual que a heresia tinha outro significado do qual eles lidavam naquele momento. Ser herético era pertencer a uma escola filosófica (os autores não explicaram que escola seria esta ou como se davam as divergências de filosofias). Mas no seu momento de trabalho heresia “designa todos aqueles que acreditem ou ensinam coisas contrárias à fé de Cristo e de sua Igreja” (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 32). Segundo este manual a heresia possuía três

significados complementares entre si: eleição, adesão e separação: “Portanto, é claro que existe separação quando existe heresia, e a conclusão de tudo o que se disse antes é que o conceito de heresia envolve os três conceitos de: eleição, adesão e separação.” (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 31-32).

O combate à heresia se justificava pela importância da manutenção da paz e da ordem pública, estando o desenvolvimento político-econômico-social intimamente ligado ao seguimento da fé católica. As heresias eram vistas como enfraquecedoras da verdade católica e motivo de tumultos e insurreições, perturbando a ordem pública e a paz, de modo que a nação que não a extirpasse rapidamente correria o risco de desaparecimento (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 32). Uma vez instaurado um processo inquisitorial a confissão era primordial para a justificação dos inquisidores. Para se chegar a uma confissão a tortura era permitida e mesmo recomendada. O *Directorium Inquisitorium*, explicou a importância da confissão:

“Diante do tribunal da Inquisição basta a confissão do réu para condená-lo. O crime de heresia é concebido no cérebro e fica escondido na alma: portanto, é evidente que nada prova mais do que a confissão do réu. Eymerich tem razão quando fala da total inutilidade da defesa” (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 138).

No *Directorium Inquisitorium*, parte III (*Questões referentes à prática do Santo Ofício da Inquisição*), o subitem “F”, *O interrogatório – a tortura*, explicava-se a validade da tortura e em quais casos deveria ser utilizada, onde o inquisidor deveria observar a conformidade com a Igreja, verificando a posição social do réu, quais delitos cometidos, entre outros. Para maior confiança Eymerich listou sete regras a serem seguidas de modo a melhor andamento do processo (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 208-209). A tortura seria apenas um paliativo na falta de provas. Sua principal função seria a confissão de culpa. Se houvesse outro meio para se provar determinada acusação, a tortura seria injustificada.

### **1.3 - *Malleus Maleficarum***

O *Malleus Maleficarum*, conhecido por nós como *O Martelo das Feiticeiras*, foi um manual destinado à instrução dos inquisidores com exclusividade de caça às bruxas. Escrito por dois monges dominicanos, Heinrich Kramer e James Sprenger, em 1486, focou seus primeiros trabalhos na Alemanha setentrional (região norte da atual Alemanha), porém foi amplamente divulgado para toda Europa e teve inúmeras reedições – treze edições na Europa

até 1520, dezesseis vezes na Alemanha até 1700 e onze vezes na França (THOMAS, 1991, p. 358).

O *Malleus Maleficarum* evidenciou a necessidade da tortura no processo inquisitorial. Chamou-se atenção para que os métodos de interrogatórios, exame e tortura acontecessem conforme de cada tipo heresia: “meios variados e diversos hão de ser empregados, segundo as pessoas e sua variada natureza” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 434) – esta colocação do *Malleus* indicava concordância com as orientações do *Directorium Inquisitorium*, que falava em respeitar os casos de pessoas e acusações. No caso das feiticeiras torturava-se fortemente para obter sua confissão. Após verificação cuidadosa do inquisidor sobre quais métodos de tortura utilizar, a frequência e a indicação de seu provável êxito, ela seria mantida até que se alcançasse a confissão (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 434). A Bula do Papa Inocêncio VIII, *Summis desiderantes affectibus*, 1484, autorizou a confecção deste manual, sua propagação e a conformidade com a doutrina da Igreja. Por esta bula a Igreja reconhecia a existência da bruxaria e autorizava as perseguições. A Bula tratou, portanto, da importância dos trabalhos do Santo Ofício da Inquisição destinados às bruxas:

“(…) muitas pessoas de um e outro sexo, despreocupadas de sua salvação e apartadas da Fé Católica, se abandonaram a demônios, íncubos e súcubos, e em seus encantamentos; feitiços, conjurações e outros execráveis embrolhos e artifício. Fazendo enormes e horrendas ofensas: mataram crianças que estavam no útero materno (...); estes azarados possuídos além do mais, acoçam e atormentam aos homens e mulheres, (...); também, impedem aos homens de realizar o ato sexual e às mulheres de conceber, pelo qual os esposos não podem conhecer suas mulheres, nem estas pertencer a eles; em paralelo de forma blasfema, renunciam à Fé que lhes pertence pelo sacramento do Batismo, são instigados pelo Inimigo da Humanidade e não se resguardam de cometer e perpetrar as mais horríveis abominações e os excessos mais asquerosos para o mortal perigo de suas próprias almas, pelo que ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e de perigo para muitos” (PAPA INOCÊNCIO VIII in KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 43-44).

O manual foi composto em um jogo de perguntas e respostas. Foi dividido em três partes. A primeira, intitulada *Das Três Condições Necessárias para a Bruxaria: O Diabo, a Bruxa e a Permissão de Deus Todo-Poderoso*, com questões voltadas para origem e ações débeis das mulheres, as diversas ações do diabo junto às mulheres, as consideradas bruxas, e a permissão de Deus para ação do diabo. A segunda parte, *Dos Métodos Pelos Quais se Infligem os Malefícios e de que Modo Podem ser Curados*, foi composta por duas questões divididas em diversos tópicos, todos também voltados para as ações das mulheres, realçando as ações do diabo e das bruxas. Na terceira parte, *Que Trata das Medidas Judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a Serem Tomadas Contra as Bruxas e Também Contra Todos*

*os Hereges – Que Contém XXXV Questões Onde São Clarissimamente Definidas as Normas Para a Instauração dos Processos e Onde São Explicados os Modos Pelos Quais Devem Ser Conduzidos, e os Métodos Para Lavrar as Sentenças*, se definiam regras que fazia referência ao respeito à competência do Tribunal da Inquisição e aos tribunais civis, seguindo de como se daria a construção e o caminhar dos processos, penas e execuções.

De modo geral, as questões trabalhadas ao longo do manual foram: a real existência da bruxaria; qual a influência do demônio; as relações sexuais dos demônios com os humanos e a possibilidade da concepção; as relações das bruxas com as crianças; porque as mulheres são as principais adeptas às superstições malignas; porque as mulheres se aliam aos demônios para a satisfação do apetite carnal e quais os meios utilizados para conseguirem tal intento. O manual apontou o início da feitiçaria: “diz-nos S. Agostinho que a abominação da bruxaria surgiu da ligação hedionda entre a humanidade e o diabo” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.77).

Análise feita por Edvaldo Costa Pereira Júnior, Silveira e Roberto (2007) sobre o *Malleus Maleficarum*, fez referência à verdade buscada e encontrada pelos autores do manual. Ancorados na tradição escolástica<sup>5</sup> e com apoio nas Sagradas Escrituras a verdade era inerente à imparcialidade dos autores do manual:

“Não estamos falando de uma verdade qualquer, mas de uma verdade que resistiu a teses contrárias expostas de maneira imparcial. Por vezes, o compromisso com a imparcialidade é tão destacado que o leitor se confunde quanto à opinião dos autores. É assim que lançam mão de um sem-número de questões, proposições e argumentos, para chegar a respostas e soluções, seguindo um movimento dialético” (PEREIRA JÚNIOR; SILVEIRA; ROBERTO, 2007, p. 244).

O manual procurou demonstrar logo no seu início a existência das bruxas. Trouxe em seu discurso provas teológicas da existência da bruxaria onde três itens eram necessários: os demônios, os agentes (bruxas) e a "permissão" de Deus para a ação dos demônios:

“os demônios, pelo seu engenho, produzem efeitos maléficos através da bruxaria, apesar de ser verdade não conseguem criar qualquer forma sem o auxílio de algum outro agente, seja de forma circunstancial ou substancial, e não sustentamos que consigam infligir danos físicos sem o auxílio de certos agentes. Mas, com a devida ajuda, conseguem provocar doenças e toda a sorte de sofrimento e de padecimentos humanos, reais e verdadeiros” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 63).

---

<sup>5</sup>São os seguintes doutores da Igreja citados no *Malleus*: São Tomás de Aquino, Santo Agostinho, São Isidoro, Santo Anselmo, São Boaventura, São Jerônimo, entre outros.

A primeira questão tratou da suposição que a feitiçaria não existiria de fato, sendo todos os males oriundos da imaginação atribuídos a determinados fenômenos naturais. O manual foi veemente ao afirmar que a feitiçaria era uma realidade e não aceitar esta realidade seria heresia: “a opinião mais certa e mais católica é a de que existem feiticeiros e bruxas que, com a ajuda do diabo, graças a um pacto com ele firmado, se tornam capazes, se Deus assim permitir, de causar males e flagelos autênticos e concretos” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 56). Kramer e Sprenger utilizaram a descrição das bruxas feitas por S. Isidoro e por S. Agostinho para esclarecer sua característica maléfica. Segundo S. Isidoro “as bruxas são assim chamadas pela negrura de sua culpa (...), elas incitem e confundem os elementos com a ajuda do demônio (...), enfeitiçam a mente dos homens (...), conseguem destruir a vida” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 67). S. Agostinho não diferia muito destas características, que em *De Ciuitate Dei*: “são assim denominadas por causa da magnitude de seus atos maléficos. (...) perturbam os elementos (...), confundem as mentes dos homens (...), pela força terrível de suas fórmulas malignas, sem qualquer poção ou veneno, matam seres humanos” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 67-68).

Já identificada para os autores a existência da feitiçaria, a Questão VI da primeira parte tratou diretamente sobre a posição das mulheres nas relações com os demônios: “*Sobre as Bruxas que copulam com Demônios. Por que principalmente as mulheres se entregam às Superstições diabólicas. Por que a Superstição é encontradas principalmente em Mulheres. Qual o tipo de Mulher que se entrega, mais que todas as outras, à Superstição e à Bruxaria.*” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 112-123). A feitiçaria era vista como prática ligada ao demônio e as mulheres. Estas eram vistas, segundo a óptica cristã medieval, como o “segundo sexo”, já que não haviam sido criadas à imagem e semelhança direta de Deus. Mesmo consideradas criaturas divinas, foram originadas da parte de um corpo, o de Adão. As mulheres eram tidas como o ser mais frágil, carnal e profano, e, assim, mais suscetível às ações demoníacas. O *Malleus Maleficarum* identificou de forma objetiva a criação e a personalidade das mulheres neste pequeno trecho que por si só já responde às perguntas que iniciam esta sexta questão:

“a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito, cuja curvatura é, por assim dizer contrária à retidão do homem. E como, em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepiona e mente. (...) E tal é o que indica a etimologia da palavra que lhe designa o sexo, pois *Femina* vem de *Fe* e *Minus*, por se a mulher sempre mais fraca em manter e em preservar a sua fê. (...) Portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a

hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que conforma a raiz da bruxaria” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 116-117).

Remetendo constantemente à Eva, a que carrega o “pecado original”, as mulheres eram sempre lembradas deste episódio onde a “natureza do feminino” foi introjetado no “primeiro pecado”, gerando uma predisposição perpétua à transgressão. Pensava-se que a salvação para a mulher era a maternidade, em que se transcenderia a imagem profana e demoníaca ao ser identificada com a maternidade virginal de Maria. Seria a redenção da mulher, desde que seguisse a exortação de submissão ao homem e mantivesse sua vida em profunda contrição (OLIVEIRA, 2006, p. 69-70). O manual identificou a necessidade de atenção que se deve dar a esta questão, e fez uma distinção entre o Antigo e o Novo Testamento onde “todo pecado de Eva é expungido pela bem-aventurança de Maria” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 116), e desta forma, sempre que possível, haveria louvores para as mulheres.

Este pecado primeiro de Eva não foi suficiente para levar a humanidade à morte. Era necessário que se passasse para Adão para que a morte se instalasse. Esta culpa estaria diretamente nas mãos do homem. Já a partir de Eva a consequência por seus atos recairia a todas as mulheres. O homem não foi tentado diretamente pelo demônio, pois ele estaria mais propenso à resistência. A tentação aconteceu a Eva devido sua debilidade e maior propensão em se entregar ao demônio e a influência provocativa que ela exerceria sobre Adão. Mesmo acusada de causar a perdição da humanidade, a insignificância da mulher não poderia causar a “morte da alma”:

“Pois embora o diabo tenha tentado a Eva com o Pecado, foi Eva quem seduziu Adão. E como o pecado de Eva não teria trazido a morte para nossa alma e para o nosso corpo se não tivesse sido também cometido por Adão, que foi tentado por Eva e não pelo demônio, é ela mais amarga que a morte” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 120).

Foi recorrente o manual remeter à debilidade, a falta de inteligência e a falta de memória das mulheres sendo natural a indisciplina. Por estas debilidades também eram mais propensas a paixões exageradas e, por elas, se prontificavam a vinganças quando seus desejos não eram satisfeitos. As vinganças se dariam por qualquer meio, inclusive pela bruxaria. Essa aparece no texto como importante justificativa do número exacerbado de bruxas no sexo feminino frente ao masculino (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.118). Sobre as mulheres mais três vícios foram cruciais para o domínio de suas faculdades mentais: a infidelidade, a ambição e a luxúria, consideradas próprias do feminino. A luxúria era vista como o mais influenciador nas mulheres dado ao apetite carnal insaciável. Os danos causados por tal



apetite seriam dirigidos diretamente aos homens. Na ânsia de alcançar seus desejos as mulheres não mediriam esforços e as alianças com os demônios seriam o ponto mais eficaz para tal fim:

“tais mulheres saciam os seus desejos obscenos não apenas consigo mesmas mas com aqueles que se acham no vigor da idade, de qualquer classe ou condição; causando-lhes, através de bruxarias de todas espécies, a morte da alma, pelo fascínio desmedido do amor carnal, de uma tal forma a não haver persuasão ou vergonha que os faça abster-se de tais atos. E destes homens, já que as bruxas não permitem que lhes aconteça qualquer mal por se acharem sob seu domínio, surge o maior perigo de todos os tempos, qual seja, o do extermínio da Fé. E assim crescem em número as bruxas, dia a dia.” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.122).

A bruxaria era considerada a heresia superior. Haveria quatro principais elementos na bruxaria que justificariam a ideia de sua superioridade herética: a renúncia da Fé Católica, a dedicação completa e fiel ao mal, a oferta de crianças não batizadas ao Diabo e a entrega aos atos carnavais com Íncubos e Súcubos, além de todos os prazeres obscenos possíveis (KRAMER; SPRENGER, 1991, p.77). O pecado da bruxa excederia todos os demais, ficando abaixo somente dos atos cometidos pelo próprio Diabo. Isto porque se negava a ação salvífica da morte na cruz de Deus e se entregavam a toda sorte de prazeres carnavais com demônios (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 169-170).

Os hereges deveriam ser punidos de diversas formas conforme o grau da heresia e a possibilidade de arrependimento e reintegração na comunidade cristã, e poderiam sofrer: excomunhão, deposição, confisco de bens, prisão perpétua ou a morte. Mas sendo as feiticeiras consideradas, além de hereges, apóstatas – que seria o afastamento temerário de Deus e da religião – a punição deveria ser muito maior devido ao enorme grau de malignidade:

“mas punir as bruxas dessa forma não parece suficiente, porque não são simples Hereges, e sim Apóstatas. Mais do que isso: na sua apostasia, elas negam a Fé por qualquer prazer da carne e por qualquer receio dos homens; mas, independentemente de sua abnegação chegam a homenagear os demônios oferecendo-lhes o seu corpo e a sua alma. Fica claro portanto que, não importa o quanto sejam penitentes e que retornem ao caminho da Fé, não se lhes pode punir como aos outros Hereges com a prisão perpétua: é preciso que sofram a penalidade extrema. E por causa das injúrias temporais que causam aos homens e aos animais, de várias maneiras, é que a lei lhes impõe tal pena.” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 174-175).

Para se chegar à punição haveria um processo investigativo. O processo inquisitorial seguia suas regras – que foram tratadas na terceira parte do manual. Havia um protocolo a ser seguido no que tange à instauração do processo, o recrutamento das testemunhas e a conduta

com as acusadas – que trata da prisão, a presença de advogados, os interrogatórios, a tortura. Para se chegar à confissão do crime a acusada deveria “ser exposta a interrogatórios e a tortura” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 428). O juiz deveria ter sempre o cuidado de identificar qual o método de interrogatório, exame e tortura deveriam ser empregados, dado que as diferenças de heresias e crimes obrigavam procedimentos diferenciados. As bruxas, ditos seres maléficos dotados de poderes demoníacos, descobririam facilmente um meio de se libertar dos tormentos da tortura, caso fossem empregados apenas o mesmo procedimento, sendo este o motivo da necessidade de variação dos exames e torturas (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 434).

Após a verificação de alguns sinais, tais como instrumentos escondidos nas roupas ou mesmos nos pelos do corpo – que deveriam ser completamente raspados na procura destes objetos – iniciava-se a persuasão para que a acusada confessasse voluntariamente. Não se alcançando a confissão, a acusada seria amarrada com cordas e colocada em algum aparelho de tortura, apenas como uma demonstração do que estaria por vir. Retirada do aparelho e levada para outro lugar, era persuadida novamente à confissão, de modo que não fosse necessário aplicar a tortura. Porém, se as ameaças não levassem à confissão os oficiais inquisitoriais deveriam prosseguir com os exames, sempre observando o grau dos crimes cometidos para adequação da violência aplicada, passando para outros dias, tantos quantos fossem necessários (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 433). Tais procedimentos deveriam continuar até que se atingisse a confissão. Tanto os Juízes e demais homens que participariam do processo inquisitorial deveriam ser de boa conduta e piedosos, de modo que não se extrapolasse a violência necessária, e mais, deveriam transparecer certa perturbação frente à tortura. Da mesma forma os parentes e amigos permitidos para as visitas de persuasão, deveriam ser de boa reputação e contritos nos preceitos cristãos (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 432).

As interrogações deveriam acontecer, preferencialmente, nos dias santos e durante a celebração da Santa Missa, de modo que todo o povo orasse pedindo a intercessão de Deus e dos Santos para a proteção das ações do Diabo. O manual afirmava que os exames acontecidos durante a Sexta-Feira, enquanto a comunidade participava da Santa Missa, as confissões aconteciam com maior facilidade (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 440-441). A acusada poderia ser sentenciada como inocente, difamada, suspeita de vários graus de heresia. As que negavam as acusações e suportavam toda sorte de torturas eram consideradas culpadas e entregues à Corte Secular para a condenação pelo fogo:

“és uma herege impenitente e como tal deve ser entregue e abandonada à justiça secular; e como herege obstinada e impenitente, mediante esta sentença te expulsamos do Tribunal eclesiásticos e te abandonamos para a justiça secular e para o poder da Corte secular. E oramos para que a mencionada Corte possa mitigar a sentença de morte contra ti” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 494).

Observamos que o manual *Malleus Maleficarum* traçou toda a conduta a ser tomada nos casos de feitiçaria. O reconhecimento da existência e do grau de importância desta heresia, a divulgação de orientações para a identificação das bruxas e os perigos de seus males, e ainda como deveria se dar a instauração dos processos inquisitoriais. Durante toda a terceira parte do manual os autores revezavam as denominações para as pessoas examinadas: ora eram chamadas de “acusadas” ora de “bruxas”. O que nos leva a refletir sobre a pretensa busca pela verdade, já que apenas pelas acusações as investigadas já eram tidas por “bruxas”. E de modo especial a atenção voltada às mulheres. Estas eram o objeto a ser transformado pela pedagogia incisiva de medo e ordem. O que observamos foi a luta pelos preceitos religiosos da Igreja Católica. Quem quer que fosse que agisse contra as regras determinadas seria duramente punido, tanto pela Igreja quanto pelo poder secular, ou seja, pelos homens retos que compunham a sociedade cristã Católica.

## 2. O PROTESTANTISMO E AS BRUXAS

*“Somos prisioneiros do diabo como de nosso príncipe e Deus” (Lutero)*

### 2.1 – A Reforma

Jean Delumeau valorizou as angústias vividas nos anos finais da Idade Média como ponto fundamental nas transformações religiosas. Quanto à Reforma do cristianismo do século XVI, discutiu que não teria sido somente por questões políticas ou porque a Igreja estava corrompida pela libertinagem que teriam desembocado no movimento reformista, mas também a questão da renovação espiritual frente aos temores vividos no final do medievo. Retomar o curso da paz, jurando fervorosamente não mais pecar, exigiria uma profunda fé como alicerce. As transformações sociais acontecidas na transição do período da Idade Média para a Moderna também tiveram seus reflexos neste movimento de renovação:

“O crescimento da burguesia e dos artesãos, em geral do elemento laico, a criação de um sentimento nacional, a desordem geral dos espíritos em um clima de insegurança e, por fim, os defeitos da Igreja levaram ao fim da Idade Média uma espécie de anarquismo Cristão. Naquela confusão de anarquismo de hierarquias e valores, os fiéis já não eram capazes de distinguir com a claridade de então entre o sagrado e o profano, e entre o sacerdote e o laico” (DELUMEAU, 1977, p. 15)<sup>6</sup> [Tradução nossa].

Neste sentido, Delumeau ainda identificou o sentimento cristão da sociedade como um todo. Autoridades teriam aderido à Reforma em um sincero sentimento cristão, sendo esta a afirmação de que, mesmo entre os laicos, a reforma não foi somente com intenções políticas e econômicas. A acusação ou percepção de que os papas se comportavam cada vez mais como príncipes teria chamado a atenção das autoridades civis para suas responsabilidades religiosas. O que evidenciava a presença cada vez maior do Estado na Igreja (DELUMEAU, 1977, p. 18).

Na enciclopédia *Biblioteca de História, grandes personagens de todos os tempos*, o volume intitulado *LUTERO*, sob redação de Raquel Teixeira Valença, identificamos o problema da secularização do clero e, conseqüentemente, o afastamento do espírito cristão

---

<sup>6</sup> “el ascenso de la burguesia y de los artesanos, y más em general del elemento laico, la creación de un certo sentimiento nacional, el desorden general de los espíritus em un clima de insegurida y, en fin, los defectos de la Iglesia engendraron a fines de la Edad Media una especie de anarquismo Cristiano. En aquella atmósfera de confusión de jerarquias y de valores, los fieles ya no eran capaces de distinguir con la claridad de antaño entre lo sagrado y lo profano, y entre el sacerdote y el laico.” (DELUMEAU, 1977, p. 15).

justificaria o movimento da Reforma e seu êxito. Ao seguir os padrões do feudalismo a Igreja, já secularizada, se apropriou de imensas fortunas. A corrupção que tomou grande parte da Igreja, em que a principal consequência teria sido o abandono dos princípios religiosos, afetou o espírito cristão e promoveu a necessidade e a vitória da Reforma (VALENÇA, 1974, p. 20-21).

A Reforma Protestante ocorrida no século XVI, que teve como maiores nomes Martinho Lutero e João Calvino, mudou o panorama da sociedade cristã no início da Idade Moderna. Questionamentos sobre as condutas do clero suscitaram discussões e cisões. Patrick Collinson escreveu sobre Roma do início dos 1500, ao citar uma passagem de Lutero por esta cidade: “Basta dizer que ele teve a reação que se poderia esperar de um bom católico alemão diante da Las Vegas da época, a Roma dos papas do Renascimento” (COLLINSON, 2006, p. 72).

Martinho Lutero era sacerdote, profundo estudioso – sagrado doutor em teologia em 1512 – passou cerca de 30 anos fazendo conferências sobre a Bíblia para os alunos da Universidade de Wittenberg e nestas conferências teria se iniciado a Reforma (COLLINSON, 2006, p. 72). Questionando o poder absoluto do papa, a grande repressão católica, a necessidade de ações dos fiéis para obtenção da salvação e as ações do clero quanto à venda de indulgências, entre outros, Lutero deu início às acusações à Igreja Católica (VALENÇA, 1974, p. 74). Além dos seus discursos na universidade, em 31 de outubro de 1517, Lutero fixou suas Noventa e Cinco Teses contra a venda de indulgências na porta lateral da capela de Wittenberg, embora a questão das indulgências já fosse discutida há longa data. Lutero temia que as indulgências não cumprissem sua finalidade e, ainda mais, prejudicariam o arrependimento e a interação direta com Deus: “o verdadeiro arrependimento aprova as punições que Deus lhe inflige, não tenta escapar a elas; não procura as indulgências, mas a cruz” (VALENÇA, 1974, p. 78).

Lutero também empregaria forte controle sobre sua Igreja e seus fiéis: “Em certa ocasião reconheceu ser mais violento do que convinha e, em razão disso, recomendava aos seus inimigos que não aticassem o cão. Noutra disse ter nascido para a guerra e para lutar com as facções e com os diabos” (BOTELHO, 2013, p. 21). Além de lutar contra o uso das indulgências e simonias, defendia a violência para preservação da estrutura social além de recorrer aos preceitos bíblicos para perpetuação das injustiças.

Em um episódio ocorrido no sul da Alemanha, em 1524, camponeses sob a liderança do pregador Thomas Müntzer promoveram uma revolta que foi atribuída ao luteranismo,

mesmo que Müntzer afirmasse que só aceitaria a reforma de Lutero se houvesse uma reforma social concomitantemente. A reivindicação do “fim da servidão, a volta dos seus antigos direitos, a diminuição dos impostos, a livre escolha dos chefes religiosos, uma completa liberdade para caçar nas florestas pertencentes à nobreza” (JORGE, 1992, p. 131). Os camponeses se armaram para a tomada de uma cidade, torturando e degolando nobres e sacerdotes. Tomaram na Francônia, duzentos e noventa e cinco castelos, saquearam e incendiaram mosteiros, (JORGE, 1992, p. 132). Diante da destruição, das mortes e torturas, os nobres questionaram qual seria o sentido em apoiar Lutero. Lutero negou apoio aos camponeses e exortava a necessidade da conservação das classes sociais. Como a agitação camponesa não foi desfeita, Lutero teria se manifestado:

“qualquer homem contra o qual se possa provar sedição está fora da lei de Deus e do Império, de modo que o primeiro que puder matá-lo está agindo acertadamente e bem. [...] Portanto, que todo aquele que puder, elimine, mate e apunhale, secreta ou abertamente um rebelde” (SEFFNER, 1993 apud BOTELHO, 2013, p. 22).

Dizendo ser constantemente perturbado pela imagem do diabo, Lutero se preocupava constantemente com as forças malignas de Satã. O reformador falava da presença real do diabo na sua vida cotidiana. Em um de seus comentários sobre a Epístola aos Gálatas, apresentada entre 1516 e 1517, ele se preocupava com as forças de Satã que agem através das bruxas (JORGE, 1992, p. 53; 101). Após este primeiro momento da busca da renovação da cristandade, outras dissidências se constituíram a partir das ações de Lutero. Outros reformadores surgiram questionando as ações da Igreja Católica, ainda de cunho medieval, e mesmo a já Reformada. Um dos mais expressivos talvez tenha sido João Calvino.

## **2.2 – A Reforma de Calvino**

João Calvino, nascido em 10 de julho de 1509 em Noyon, França, se formou em Direito em 1532. Calvino teve sua grande expressão religiosa na cidade de Genebra. A palavra que designaria toda a obra de Calvino foi disciplina:

“o cerne desse programa continha um curso rápido de instrução (catequese), comunhões mensais, excomunhão para os recalcitrantes e um tribunal eclesiástico para assegurar a disciplina (...). Sua doutrina ricamente social da Igreja e robusteceu a convicção deste último de que a ‘disciplina’ era uma necessidade, uma de suas características essenciais (...). Onde não há disciplina, Deus não é reverenciado.” (COLLINSON, 2006, p. 111-112).

Assim era a comunidade religiosa que Calvino instituiria. Para manter tal disciplina e, conseqüentemente, a reverência à Deus, Calvino não usou de outro meio que não a violência. Segundo Botelho os procedimentos de Calvino estariam ancorados nos preceitos bíblicos de um “Deus impassível e vingativo”, e por seu nome qualquer violência seria justificada (BOTELHO, 2013, p. 19). Exemplo foi o caso dos perrinistas, grupo originário de Ami Perrin que se autodenominavam “filhos de Genebra”, que iam contra a intensa autoridade pregada por Calvino e foram violentamente reprimidos. Uma destas situações ocorreu em 1555, quando os perrinistas provocaram tumultos que foram interpretados como tentativa de golpe. O resultado foram execuções e exílios, além de propriedades confiscadas. Noutra um libertino colocou um bilhete anônimo no púlpito de Calvino com ameaças de morte. O autor foi identificado, torturado e decapitado (COLLINSON, 2006, p. 114).

Miguel Servet foi uma das pessoas que sofreu sob a perseguição de Calvino. Servet foi um teólogo espanhol adepto da rígida disciplina protestante, com investigações ao estilo inquisitorial. Porém achava que os evangélicos não eram firmes o suficiente e sugeria abolir o dogma da Trindade. Inocentemente procurou apoio em Calvino. Este o aprisionou e liderou seu processo acusativo o sentenciando a ser queimado vivo: “assim tens que terminar teus dias, a fim de dares um exemplo de advertência a todos os outros que queiram cometer tal crime” (ZWEIG, 1956 apud BOTELHO, 2013, p.20). A doutrina de Calvino foi considerada por alguns como uma “ditadura teocrática” (BRONOWSKI; MAZLISH, 2002, p. 111), e seu regime era reforçado por grande vigor e crueldade. Outro exemplo é Genebra, cidade considerada uma teocracia calvinista, onde nenhum desvio era permitido (BRONOWSKI; MAZLISH, 2002, p. 114). Ele pregava contra a riqueza da Igreja, a reformulação das necessidades dos membros da Igreja e a ação de que a religião é questão de convicção e consciência pessoal.

As *Institutio Religionis Christianae*, publicadas em março de 1536, se tornou referência na continuidade do processo da Reforma. Em uma das etapas desta obra Calvino manteve a fidelidade aos dez mandamentos. Especificamente no terceiro mandamento (“Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”) Calvino fez referência à feitiçaria. Explicou que o sentido deste mandamento é que o “Senhor quer que a majestade do seu nome seja santa e sagrada para nós. Em resumo, que seu nome não seja profanado por desprezo ou irreverência” (CALVINO, 2006, p. 185). Qualquer outra forma de utilização do nome de Deus seria como tomá-lo ímpia e levianamente:

“se já é um mal usurpar levemente o nome de Deus por presunção imprudente, muito maior pecado será tomá-lo para uso totalmente mau, como para fazê-lo servir à feitiçaria, à necromancia, a conjurações mágicas ilícitas, e outras práticas semelhantes” (CALVINO, 2006, p. 185-186).

### 2.3 – Os Puritanos

Outro grupo que surgiu após a Reforma Protestante foram os puritanos. Era formado por protestantes que julgavam a Reforma institucionalizada pela Igreja da Inglaterra moderada demais. Autodenominados puritanos seu desejo era de “purificação” da Igreja inglesa ao livrá-la das práticas católicas romanas, eliminando a hierarquia dos bispos e simplificando os rituais. Sua proximidade estava mais ligada à Calvino ao compartilhar a doutrina da predestinação e o reconhecimento da dependência total da graça divina para se alcançar a salvação.

A Reforma na Inglaterra teve seu início com os inúmeros casamentos de Henrique VIII. Com a anulação de seu casamento com Catarina de Aragão, filha dos reis católicos da Espanha, em 1536, Henrique VIII e o Parlamento inglês romperam com a Igreja da Inglaterra de Roma, criando-se a Igreja Anglicana. Era uma igreja nacional inglesa, mas ainda com orientações católicas. Exemplo da presença do catolicismo foi a imposição, em 1539, pelo Parlamento, dos *Seis Artigos* onde se via a permanência de dogmas e sacramentos como a transubstanciação, a comunhão em uma espécie, o celibato clerical, os votos de castidade, confissões e missas particulares, entre outros.

A linha de sucessão do trono inglês passou por oscilações religiosas. A cada governante a Igreja da Inglaterra era remodelada vivenciando ora momentos protestantes, ora momentos católicos. Sob reinado de Maria Tudor, 1553, de orientação expressamente Católica, muitos protestantes fugiram da Inglaterra e receberam os primeiros princípios doutrinários do protestantismo na Europa, principalmente em Genebra e Frankfurt. Em 1558 foi a vez de Elizabete I – filha de Henrique VIII com Ana Bolena – chegar ao trono. Em seu governo se retomou os princípios da Reforma, porém não com a força e condições julgadas necessárias pelos protestantes puritanos para uma Reforma de fato (FERREIRA, 1999, p. 02).

Elizabete I foi excomungada pelo Papa Pio V. Morreu em 1603 sem herdeiros, indicando como sucessor Tiago I, filho de Maria Stuart, que já governava a Escócia. Mesmo com a formação presbiteriana do novo rei os puritanos continuaram com dificuldades em promover a Reforma desejada: “o rei ameaçou ‘expulsá-los da terra, ou fazer pior’, tendo dito



que o presbiterianismo ‘se harmonizava tanto com a monarquia como Deus com o diabo’. Em 1620 um grupo de puritanos emigrou para a colônia de Plumouth, Massachusets, a bordo do famoso navio *Mayflower*” (FERREIRA, 1999, p. 03). Neste momento o puritanismo chegou aos Estados Unidos da América. Com o reinado de Carlos I, grande opositor dos puritanos, que nomeou William Laud, em 1628, como bispo católico de Londres, empreendeu grande perseguição à Igreja Anglicana e oprimiu fortemente os puritanos, levando-os a emigrarem em maior número para a América. O processo de emigração dos puritanos para a América aconteceu de forma irregular, já que ficou à mercê dos atritos políticos europeus, mas não foi interrompido totalmente.

#### **2.4 – Nos Estados Unidos da América**

A América do Norte seria um lugar distante destes conflitos, onde se poderia firmar uma própria identidade. Em 1620, com o apoio de um grupo de mercadores londrinos, um total de 101 pessoas – sendo 87 delas separatistas – teve como destino a região da Virgínia, no leste dos Estados Unidos, a bordo do navio *Mayflower*. Porém, devido a problemas de navegação o grupo aportou mais ao norte do território da companhia. Assim, o primeiro grupo de puritanos chegou aos Estados Unidos, e a metade sobrevivente se estabeleceu em Plymouth.

A migração puritana para a América se tornou mais intensa em 1629 quando a autorização do rei Carlos para a criação da Companhia da Baía de Massachusets e a colonização da região de Plymouth iniciou uma intensa mobilização político-comercial. Através dos líderes da companhia criada para a colonização desta região a migração mais intensa se tornou possível (SELLERS; MAY; McMILLEN, 1990, p. 25).

Os puritanos acreditavam no destino sagrado da sua comunidade. A religiosidade e o Estado estariam ligados no cumprimento da vontade de Deus. Aos ministros da fé caberia o entendimento desta divina vontade e não ao poder político em si. Aos magistrados eram designadas as funções civis da sociedade. A união do poder religioso com o civil se dava quando havia discordância entre os deputados, representantes dos povoados, e os magistrados da Corte Geral, que para a solução destes problemas recorriam à autoridade do clero. Entre as funções do Estado estava o apoio à Igreja e também: “cobrar o comparecimento aos cultos, de membros e não-membros por igual, exigir uma moralidade estrita e tudo mais fazer que aumentasse as possibilidades de salvação de todos os membros da comunidade” (SELLERS;

MAY; McMILLEN, 1990, p. 26). O próprio crescimento das cidades era direcionado. Não se podiam comprar terras aleatoriamente e o aumento da população justificava a criação de uma cidade próxima às já existentes. Nesta situação foram criadas as cidades, pequenos povoados, de Salem, Charlestown, Boston, Hverhill, Concord, Sudbury e outros um pouco mais distantes da baía de Boston (SELLERS; MAY; McMILLEN, 1990, p. 26).

## 2.5 – Feitiçaria nos Estados Unidos da América – Salem

Antes do episódio de feitiçaria em Salem, Thomas Hutchinson, autor de *The Witchcraft Delusion of 1692* (1870), fez um panorama dos casos de investigações de feitiçarias ocorridas ao longo dos anos na região de Essex Country, Massachusetts, abrangendo a região de Boston, New-Hampshire e Connecticut River. Ele descreveu ações acontecidas há uns doze ou quinze anos antecedentes de Salem, em que os processos perduraram por anos chegando a inúmeros culpados e execuções. O mapa desses acontecimentos seria: 1645 em Springfield, afetando as cidades de Charlestown, Dorchester e Boston; 1662 em Hartford; 1669 em Salisbury; 1671 em Groton; 1673 em Hampton; 1679 em Newbury; 1681 em Portsmouth; 1684 em Hadley; 1688 em Boston; em seguida o mais expressivo em 1692 em Salem.

Para o caso de Salem, também importante é o estudo de Charles Wentworth Upham, *Salem witchcraft; with an account of Salem village, and a history of opinions on witchcraft and kindred subjects*, século XIX. Nesta obra o autor apresentou a história desta região dos Estados Unidos, a colonização, os principais personagens, um estudo de caso da feitiçaria e o episódio de feitiçaria em Salem. A feitiçaria em Salem estaria relacionada a escravos, africanos e indígenas, que com suas práticas estranhas aos puritanos teriam intensificado a imaginação destes. A principal personagem teria sido uma escrava, de nome Tituba, de posse do Reverendo Mr. Parris. Estes negros escravos presentes na região de Salem teriam vindo do que se chamava *Spanish West Indies* – Índias Ocidentais Espanholas, ou seja, principalmente da América Central. Segundo alguns estudos as semelhanças das ações de feitiçaria executadas pelos índios da região do México e as ocorridas em Salem foram levadas em consideração para se chegar à origem da feitiçaria na região. (UPHAM, S.D. ,Part Third, p. 02)<sup>7</sup> [Tradução nossa].

---

<sup>7</sup> “Persons conversant with the Indians of Mexico, and on both sides of the Isthmus, discern many similarities in their systems of demonology with ideas and practices developed here” (Upham, S.D., Part Third, p. 02).

Mr. Parris foi um reverendo religioso da vila de Salem e teve participação expressiva no processo de feitiçaria da região. Para assumir o cargo de ministro da Igreja as exigências foram muitas, de modo que os salários e benefícios proporcionaram uma grande propriedade para a casa ministerial e grande influência, bem como certa desconfiança por alguns cidadãos da vila (RAGOSTA, 2002). Mr. Parris tinha postura rígida, não confiando em quem discutia suas orientações e tinha medo das influências externas. Suas pregações teriam promovido divisões na comunidade e contribuído para as acusações de feitiçaria em 1692. Durante esta crise de feitiçaria ele teria declarado que a Igreja estava sob ação do demônio. Mr. Parris acreditava na sua moral superior e estava determinado a traçar as linhas de batalha contra a feitiçaria, procurando manter seus apoiadores e a Igreja unida contra qualquer pessoa que falasse contra ele (RAGOSTA, 2002). Teve membros de sua família na lista dos acusados quando ocorreram as primeiras crises nas crianças. Quando a corte de Boston se instalou em Salem, foi testemunha em muitos casos participando de todo o processo investigativo.

O número de investigados de feitiçaria passou dos cem, incluindo pessoas ricas, influentes e membros da Igreja. Porém estes grupos ainda aparecem de forma diminuta frente ao grupo de meninas que despertou as primeiras manifestações de feitiçaria que levou à instauração dos processos. Este grupo de oito meninas compreendia a faixa etária de sete a quinze anos, constando inclusive a filha do Mr. Parris, Elizabeth, de nove anos, e sua sobrinha, Abigail Williams, de onze anos. (MATTEI, 2004)<sup>8</sup>. Elizabeth e Abigail reclamaram com Mr. Parris das mesmas confusões que as crianças de John Goodwin, Boston, 1688, sofreram. As crianças de Boston acreditaram terem sido enfeitiçadas pela lavadeira da família após discussões. O sofrimento físico consistia em ficarem surdas, mudas, cegas, sentirem o corpo alquebrado e distorcido:

“Por vezes elas eram surdos, então tolas, então cegas, e algumas vezes tudo isso junto. Suas línguas poderiam se afogar em suas gargantas, então empurradas contra seus queixos. Suas mandíbulas, maxilares, pescoços, ombros, cotovelos e todas suas (389) articulações pareciam deslocadas e então dariam os mais comoventes gritos por serem cortados com facas e golpeados; e claras marcas de feridas que poderiam posteriormente ser descobertas”<sup>9</sup> (HUTCHINSON, 1870, p. 12) [Tradução nossa].

---

<sup>8</sup> Nas leituras sobre Mr. Parris, sua filha foi uma das primeiras meninas a demonstrar as crises aflitivas relacionadas à feitiçaria. A ação de Mr. Parris foi de retirá-la de cena até que as investigações terminassem. Elizabeth foi enviada para a cidade para que a família de Stephen Sewall a guardassem. Porém a sobrinha de Mr. Parris, Abigail, permaneceu em Salem durante todo o processo investigativo (UPHAM, S.D., part third, p.03).

<sup>9</sup> “*They were sometimes deaf, then dumb, then blind, and sometimes all these together. Their tongues would be drawn down their throats, then pulled out upon their chins. Their jaws, necks, shoulders, elbows, and all (389)*

As crianças de Salem reclamaram dos mesmos sofrimentos corporais e como os médicos não conheciam os males, por consequência nem as cura, afirmaram que as meninas deveriam estar enfeitiçadas. A escrava Tituba, empregada na casa de Mr. Parris, afirmou poder descobrir quem seria a bruxa baseada na experiência de sua origem natal africana – mas afirmando ela mesma não ser uma bruxa. Mas chegando ao conhecimento das crianças a intenção de Tituba, em sua presença elas começaram a gritar com se estivessem sendo beliscadas, picadas e atormentadas física e mentalmente, caíam em convulsões e ficavam desmaiadas. Investigada, Tituba reconheceu ter marcas de ferimentos feitas pelo demônio, mas que teriam sido feitas ainda na crueldade da América espanhola. Seguindo a investigação sobre Tituba outras mulheres da região foram também investigadas e acusadas de feitiçaria (HUTCHINSON, 1870, p. 19).

A importância das crianças neste episódio se deu pelas próprias crenças puritanas. As crianças puritanas eram vistas com uma profunda religiosidade desde o nascimento. Acreditava-se no profundo entendimento teológico nas crianças de pouca idade. Exemplificando este fato, Mattes (2004) citou a observação de um historiador moderno, Levin Schucking: “Uma criança que, como o pequeno John Ruskin pregava sobre ‘Dod’ de uma cadeira de cozinha, não foi apenas um fenômeno típico e frequente no berçário puritano, mas por aproximadamente três séculos um extremo de popularidade”<sup>10</sup> [Tradução nossa]. As discussões feitas sobre esta espiritualidade das crianças de forma precoce as teriam tornadas mais propensas a acreditarem na realidade da feitiçaria, e de modo particular daquelas oito que compuseram o grupo das acusadas de serem atormentadas por bruxaria.

Porém estas crianças não foram acusadas de atos maléficis, mas foram vistas como alvo fácil da influência do demônio. As próprias crianças se acusavam, ou foram acusadas por alguém que agia em seu favor. A definição do que era uma bruxa no processo de Salem, era alguém que havia feito um pacto com o demônio e as crianças haviam sido iniciadas na feitiçaria com um batismo ao demônio, mas não um pacto direto e por vontade própria. Assim as crianças não poderiam ser consideradas bruxas de malefício, mas teriam sido guiadas neste caminho de feitiçaria por outra pessoa. Como resultado dessa visão sobre as crianças e dos interrogatórios, todas as oito crianças acusaram suas mães no processo de iniciação da feitiçaria:

---

*their joints would appear to be dislocated, and they would make the most piteous outcries of being cut with knives and beat; and plain marks of wounds might afterwards be discovered”* (HUTCHINSON, 1870, p. 12).

<sup>10</sup> “a child who, like little John Ruskin preached sermons about ‘Dod’ from a kitchen chair, was not only a frequent and typical phenomenon in the Puritan nursery but for nearly three centuries an extremely popular one” Mattes (2004).

“Em cada caso, quando uma criança abaixo de doze anos era acusada, sua mãe teria sido acusada em algum ponto durante as semanas ou meses ou meses anteriores. Algumas, mas nem todas, das mães das crianças tinham sido condenadas também. As próprias crianças destacavam essa conexão em suas confissões: quase todas professavam que ‘suas mães as fizeram bruxas’” (MATTES, 2004)<sup>11</sup> [Tradução nossa].

Esta situação era compatível com a crença puritana da vida em família. Os processos seguiram os preceitos religiosos da vida familiar e a importância da mãe na formação das crianças, sendo ela a responsável pela retidão ou desvios de conduta. A desordem familiar oriunda principalmente das ações maternas seria a fonte da contaminação da comunidade e causa da expansão da feitiçaria:

“Como escreveu Richard Baxter em 1673, ‘então isto é uma verdade evidente, que muitas de nossas falhas de comportamento que infestam ou dominam a humanidade por toda a terra, consistem em, ser causado por distúrbios e de doença de falta de governo das famílias. Por família ‘desgovernada’, tinha-se o papel provedor dos pais, particularmente das mães. Assim, se crianças eram identificadas com suas acusadas mães-bruxas, bruxaria seria identificada como um distúrbio de família” (MATTES, 2004)<sup>12</sup> [Tradução nossa].

O caso que exemplifica esta questão da atenção dada à mãe durante um processo foi o com as crianças Sarah e Thomas Carrier Jr. e sua mãe Martha Carrier, que foi condenada ao enforcamento. As crianças enfatizaram a ação da mãe em torná-las feiticeiras:

“Os casos das crianças mais jovens dos Carrier servem como um primeiro exemplo de bruxaria como ligação por laços de família: a mãe deles, Martha Carrier, foi enforcada como bruxa uma semana após as investigações de agosto, e os irmãos mais velhos deles, Richard e Andrew, haverem confessado bruxaria também, embora provavelmente sob tortura. Ambos Sarah e Thomas explicitamente envolveram sua mãe em suas confissões. Thomas relatou que “sua mãe o educou na bruxaria” e o batizou como bruxo também, enquanto Sarah enfatizava que sua mãe era, de fato, a agente primária atuando neles: ela disse que sua mãe a batizou, e que o demônio ou o homem negro não estava lá.” (MATTES, 2004)<sup>13</sup> [Tradução nossa].

---

<sup>11</sup> “*In each instance when a child under twelve was accused, his or her mother had been accused at some point during the previous weeks or months. Some, but not all, of the children’s mothers had been convicted as well. The children themselves brought out this connection in their confessions: almost all professed that ‘their mother mayd them witches’*” (MATTES, 2004).

<sup>12</sup> “*as Richard Baxter wrote in 1673, ‘So it is an evidente truth, that most of the mischiefs that now infest or seize upon mankind throughout the earth, consists in, or are caused by the disorders and ill-governedness of families’. Family ‘governedness’, in turn was the provenance of parentes, particularly of mothers. Thus if children were identified with their accused-witch mothers, witchcraft would have been perceived as a Family disorder.*” (MATTES, 2004).

<sup>13</sup> “*The cases of the youngest Carrier children stand as a prime example of witchcraft as linked to family ties: their mother, Martha Carrier, was hanged as a witch a week after their August examinations, and their older brothers, Richard and Andrew, had confessed to witchcraft as well, albeit probably under torture. Both Sarah and Thomas also explicitly implicated their mother in their confessions. Thomas stated that “his Mother taught him witchcraft” and baptized him as a witch, while Sarah emphasized that their mother was, in fact, the primary*

Algumas das mulheres ditas por mais zelosas foram acusadas de feitiçaria. A passagem a seguir talvez evidencie a simples aceitação da condição de ser uma bruxa e como a cultura da época estava permeada pelo medo do demônio. Ao se presenciar o sofrimento das meninas, as mulheres passaram a reconhecer a ação do demônio, mesmo sem a percepção do consentimento e das ações malignas realizadas, e elas próprias se confessaram culpadas:

“Algumas das mulheres mais religiosas que foram acusadas, quando viam a aparência de angústia e tortura nas meninas, e ouviam suas declarações solenes do que viram, as formas ou espectros do acusados que as afligia, persuadindo-as que elas eram bruxas, e que o Demônio, alguém mais ou outro, apesar de não poderem se lembrar quando, tinham possuído seus corações maus, e obtido alguma permissão de temor de suas formas; e como resultado elas confessavam a si como culpadas” (HUTCHINSON, 1870, p. 17-18)<sup>14</sup> [Tradução nossa].

Nota-se a utilização do medo como poder coercitivo na conduta moral-religiosa – crises de “aflições” em Elizabeth e Abigail se deram após um sermão de Mr. Parris onde ele declarava que a Igreja estava sitiada pelo demônio (RAGOSTA, 2002). A figura demoníaca foi uma retórica repetida. Mary Osgood, de Andover, foi levada à Salem, onde confessou ações de bruxaria. Ela contou sobre o contato com o demônio, um homem negro, que lhe deu um livro com receitas. Foi levada pelo ar num bastão de madeira, juntamente com outras pessoas, onde lhe foi pedido que renunciasse seu primeiro batismo e renovasse seu batismo, mas agora em honra ao demônio e a ele deveria pertencer e servir de corpo e alma para sempre (HUTCHINSON, 1870, p. 24) – o que nos remonta os sabás tão citados nas perseguições inquisitoriais. Mesmo no período próximo às investigações se discutiu sobre a veracidade dos acontecimentos sobrenaturais em Salem. O próprio Governador Hutchinson trabalhava com a hipótese que tudo não passava de fraude, sendo questões acometidas de fundo psicológico. O país parecia dividido em acreditar se os acusados estavam sob poderes sobrenaturais e diabólicos, sob enfermidades corporais ou se poderiam ser acusados de fraude (POOLE in HUTCHINSON, 1870, p. 04).

Muitos estudos podem ser realizados com o episódio de crise de feitiçaria ocorrido em Salem com problemáticas diversas. Com um saldo de 20 execuções por enforcamento, várias

---

*agent acting on them: she said her mother baptized her, and that the devil or black man was not there”* (MATTE, 2004).

<sup>14</sup> “Some of the most religious women who were accused, when they saw the appearance of distress and torture in the girls, and heard their solemn declarations that they saw, the shapes or specters of the accused afflicting them, persuaded themselves they were witches, and that the Devil, somehow or other, though they could not remember when, had taken possession of their evil hearts, and obtained some sort of assent to his afflicting in their shapes; and thereupon they confessed themselves to be guilty” (HUTCHINSON, 1870, p. 17-18).

mortes na prisão e inúmeras declarações de inocência, com os relatos da investigação que atingiu ampla parcela da população incluindo homens e pessoas influentes, inclusive religiosas, ainda assim notamos a grande presença das mulheres como personagens acusadas de feitiçaria. O que evidencia que mesmo na pós-reforma, em outro continente, em meio a diversas comunidades religiosas as mulheres continuaram como um alvo importante de perseguições nas questões de proximidade ao demônio e à feitiçaria.

Apesar do individualismo que as posições protestantes apresentam – tal como a leitura individual da Bíblia, que promovia a diminuição do intermédio da Igreja e seus sacerdotes –, a moral coletiva manteria a identidade e a coesão da sociedade (KARNAL, 2011, p. 47, 51). Os puritanos tinham para si a ideia do “povo eleito” por Deus, sendo a América do Norte a “nova Canaã”, e esta seria a “comunidade perfeita construída de acordo com as leis de Deus” (KARNAL, 2011, p. 53). Mas não só as melhores intenções desembarcaram naquela terra, vieram também “todas as suas mesquinhas, maledicências e tensões” (KARNAL, 2011, p. 53). Ou seja, todos os problemas com o demônio, suas ações malignas e seguidores, também se apresentaram no Novo Continente. Mais uma vez as mulheres foram as mais vigiadas e punidas para a purificação social e religiosa. Fez-se necessário entender como nessa era as mulheres eram percebidas e quais os discursos que se constituíam sobre o gênero feminino, para melhor assimilação do papel delas nos processos de acusações de feitiçaria.

### 3. AS MULHERES, A FEITIÇARIA, O DEMÔNIO

“Uma prática muito comum a todas as bruxas é a  
cópula carnal com os demônios” (MALLEUS  
MALEFICARUM)

#### 3.1 – As mulheres

A imagem da mulher era explicada por tradições remotas, onde não seriam necessários grandes esforços para se compreender seu comportamento, bastando retornar ao Antigo Testamento<sup>15</sup> para vermos a criação e a causa da queda do homem, ou a Aristóteles<sup>16</sup> que discute sobre as funções macho/fêmea na geração na perpetuação da espécie (HESPANHA, 2010, p.102). As mulheres foram consideradas fracas e débeis, sendo mais suscetíveis à ação do demônio, devido à sua criação<sup>17</sup>. A estrutura mental e biológica das mulheres foi considerada deficiente e suas ações duvidosas. Ou seja, a indignidade das mulheres se devia, também, a sua fisiologia, o que era fator para seu desregramento. Esta deficiência fisiológica era corroborada pela medicina ao se afirmar que os “humores úmidos e frios” inerentes ao sexo feminino era a causa do temperamento instável, enganoso e falso tão visto nas mulheres, o que as levava a serem consideradas “inferiores” devido a esta natureza (DAVIS, 1990, p. 107). Antônio Manuel Hespanha explicou como a medicina acreditava que a temperatura agia diretamente sobre a geração: “Frialdade e calor, humidade e secura, são, na medicina hipocrática, sintomas, respectivamente, de imperfeição e de perfeição. O calor é a fonte da geração e da acção, a umidade, o sinal da degenerescência e decomposição” (2010, p.106, nota: 131).

A sexualidade não estaria ligada somente aos prazeres, ela se referiria também à procriação. Aristóteles, segundo Hespanha, no *Tratado da geração dos animais*, afirmou a ação ativa e poderosa do macho no processo da geração; à fêmea foi dada uma posição passiva, sendo dependente da ação do embrião macho. Isto porque a fêmea disporia somente da matéria passiva do fluxo menstrual, o que é a natureza fraca e fria do sexo feminino. Também citado por Hespanha (2010, p. 107), São Tomás de Aquino<sup>18</sup>, na *Suma Teológica*,

---

<sup>15</sup> Remete-se, aqui, à figura de Eva. José Rivair de Macedo descreve, em *A Mulher na Idade Média*, a origem de Eva para alguns teólogos na Idade Média: “Eva não teria sido feita à imagem e semelhança de Deus, mas a partir de Adão; assim sendo, consideraram-na mera projeção da criação divina. Essa distinção e gradação entre o homem – dotado da imagem divina (*imago*) –, e a mulher – detentora apenas da semelhança divina (*similitudo*) –, para eles constituía uma prova da ‘inferioridade natural’ do sexo feminino” (MACEDO, 2014, p. 66).

<sup>16</sup> Hespanha (2010) utiliza a seguinte edição: *Traité de la génération des animaux*, ed. J. Barthélemy-Saint Hilaire, Paris, 1887.

<sup>17</sup> Como exemplo temos a explicação dada pelo *Malleus Maleficarum* já trabalhada anteriormente.

<sup>18</sup> Hespanha (2010) utiliza a seguinte edição: *Summa theol.*, I, 92.1 ad 1.



seguindo o pensamento de Aristóteles, relatou a ação passiva das mulheres na geração da prole ao mesmo tempo em que tratou as mulheres como acidente da natureza

“Deve dizer-se que, pela natureza particular, a mulher é algo de deficiente e ocasional. Pois a virtude activa que reside no sémen do varão, tende a produzir um efeito semelhante a si mesmo, de sexo masculino. Porém, se se gerou uma mulher, isto aconteceu por causa de debilidade da virtude activa, ou por alguma indisposição, ou ainda por alguma mudança extrínseca, como os ventos do sul, que são húmidos”. (AQUINO apud HESPANHA, 2010, p.107).

Esta deficiência da natureza feminina tornaria as mulheres frágeis e passivas o que as fazem incapazes de participação nas ações jurídicas da sociedade: “por causa da fragilidade do sexo e da sua pior condição (...) não se devem intrometer nas reuniões dos homens”; não podem ser fiadoras; não podem ser testemunhas nos testamentos (ord. Fil., IV, 76); nos delitos são castigadas mais brandamente” (HESPANHA, 2010, p. 112-113), além de tantas outras proibições, tais como não poder advogar, se apresentar como juíza ou procuradora ou se ater a qualquer situação em que fosse necessário se privar com homens, isto sem contar as inúmeras situações excludentes no que se refere ao direito de herança. A supremacia do homem estava presente em todas as esferas e posições dominantes na sociedade: “Nas mulheres, passivas e dominadas, por isso, tudo se perde: a família, o estado, o nome, a memória” (HESPANHA, 2010, p.113).

A medicina da época pouco conhecia a fisiologia feminina e os teólogos as julgavam inconstantes e por isto deveriam ser controladas – passavam da tutela do pai para o marido. No âmbito jurídico alcançariam certa autonomia quando viúvas. Porém, eram aconselhadas a contratar advogados por serem consideradas imbecis, ou seja, incapazes de manter a própria defesa (HANCIAU, 2009, p. 83). A Igreja condenava a inferioridade, sensualidade, as pretensões espirituais abusivas e o lado diabólico das mulheres. Para que uma mulher fosse honesta, deveria ser “invisível e modesta na sociedade, pronta ao sacrifício, indiferente aos atrativos da moda e intelectualmente insignificante” (HANCIAU, 2009, p. 84). Hespahanha sintetizou a visão que se tinha das mulheres “a honestidade é uma virtude contra a natureza, um freio de recta razão que compense a violência das pulsões do desejo e a debilidade da vontade natural para a elas resistir” (2010, p.116).

Mesmo sempre respaldado com os instrumentos da Igreja, tanto as Sagradas Escrituras como os ensinamentos de santos doutores, os processos da Inquisição destinados à feitiçaria eram direccionados as mulheres para manter, inclusive, o pulso forte da sociedade patriarcal. Vimos que o Santo Ofício da Inquisição não se fez somente no braço religioso, mas também

no secular. Findo o processo, as punições mais graves, que no caso das feiticeiras eram as fogueiras, eram aplicadas pelo Estado e não pela da Igreja. Esta sociedade patriarcal e misógina da época procurava impedir a presença da mulher nos meios sociais e políticos<sup>19</sup>.

Para combater os defeitos das mulheres era necessária uma intensa vigilância no cotidiano tendo um rigoroso confinamento nos trabalhos domésticos (HESPANHA, 2010, p. 115). Situação também apontada por Pereira Júnior, Silveira e Roberto (2007) na preleção histórica da discussão sobre o manual *Malleus Maleficarum*, onde apresentaram as colocações do franciscano Bernardino de Siena (1380-1444), que orientava a importância das condutas que os homens deveriam ter sobre as mulheres assim:

“(…); a fizeram varrer a casa? Sim. Façam-na varrer. A fizeram lavar de novo as tigelas? Façam-na relavar. A mandaram peneirar? Façam-na então peneirar. Ela fez a lixívia? Façam-na prepara-la em casa. – Mas ela tem uma serva! Não importa a servente. Deixem-na fazer [a esposa], não por falta de ter quem o faça, mas para aplicar-lhe um exercício. Façam-na velar as crianças, lavar os cueiros e todo o resto. Se não lhe acostumas a fazer de tudo, ela se converterá em um bom pedacinho de carne. Não a abandone às suas alegrias, eu te digo. Enquanto a mantiveres ocupada, ela não permanecerá à janela e não lhe passarão pela cabeça outras idéias” (Bernardino de Siena *apud* Pereira Júnior; Silveira; Roberto, 2007, p. 238-239).

O manual *Malleus Maleficarum* apresentou diversas citações de eruditos e da Bíblia que orientava abstenção dos homens pelas mulheres. Cícero apontou que a lascívia do homem o levaria a somente um pecado, a das mulheres conduziria a todos, dado “que a raiz de todos os vícios da mulher é a cobiça”; em Sêneca lemos: “a mulher que solitária medita, medita no mal”; o livro do Eclesiástico explanou sobre os perigos de se viver com uma mulher: “não há pior cólera que a cólera de mulher. Prefiro morar com leão ou dragão a morar com mulher perversa” (Eclo 25, 22-23); e S. João Crisóstomo elencou o caráter das mulheres e o peso de conviver com elas:

“que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza, pintado de lindas cores. Portanto sendo pecado dela divorciar-se, conviver com ela passa a ser tortura necessária: ou metemos o adultério, repudiando-a, ou somos obrigados a suportar as brigas diárias” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 114-115).

Homens e mulheres eram diferenciados pelos apetites sexuais. Os homens, mesmo sofrendo pelo refreamento dos apetites sexuais, estavam mais preparados para lidar com a

---

<sup>19</sup> “Por temer a intrusão das mulheres e o desmoronamento de todo um sistema, a Igreja Católica, desejosa de um poder hegemônico, perseguiu e excluiu todas as tendências que promoviam as mulheres” (OLIVEIRA, 2006, p. 68).

situação, tinham maior força de vontade e sagacidade para controlar estas necessidades brutais através do trabalho, da bebida ou do estudo. As mulheres, não estando tão bem preparadas quanto os homens, ao reprimir os fluxos sexuais seus desregramentos seriam intensificados e só poderiam torná-las histéricas (DAVIS, 1990, p. 107). Indo um pouco mais longe, Natalie Z. Davis apontou o motivo, na mentalidade à época, das mulheres se ligarem à feitiçaria

“Seu desregramento a levou às artes malignas da bruxaria, afirmavam as autoridades eclesiásticas, e, quando ela adotava algum comportamento para o qual seu intelecto alegadamente fraco não a qualificava, tal como a especulação teológica, ou a pregação, isto também era por culpa de seu desregramento” (DAVIS, 1990, p. 108).

### 3.2 – A feitiçeira

Jules Michelet também discutiu sobre a mulher, maldita desde Eva, como representante mais impuro, colocando o homem na via escolástica da pureza: era um momento de “uma perversão de ideias monstruosas” da Idade Média (1992, p. 109). Para Michelet a feitiçaria foi fruto da imaginação e de ilusões populares. Eram heranças dos tempos antigos. Michelet questionou o fato de faltar indagações sobre a “cronologia da moral da feitiçaria” em virtude das relações excessivas com o período medieval, chegando a afirmar que “nem a antiga mágica nem a vidente celta ou germânica são ainda a verdadeira feitiçeira” (1992, p.33). A mulher era a conhecedora da natureza. Quando se falava dos tratos medicinais era a única a quem se recorria quando se tinha problemas de saúde. A ela chamavam “boa dama” ou “bela dama” por respeito misturado ao medo. Eram as únicas a ajudar o povo em casos de aflição que necessitasse da medicina. Mas quando não podia curar tais males, aí sim, eram injuriadas e taxadas de feitiçeiras (MICHELET, 1992, p.30).

O espaço ganhado no imaginário pelo demônio obrigava uma vida mais contrita e reservada sob a égide religiosa, já que “o Demônio não é mais um espírito furtivo, um ladrão noturno que desliza nas trevas” (MICHELET, 1992, p. 152). E mesmo durante o medievo os sabásias (de Bacchus Sabasius), que era o pequeno sabá rural, não era de forma alguma a missa negra do século XIV. A missa negra, o Sabá, a grande afronta a Deus e onde se adorava o Demônio, foi muito bem descrita por Carlo Ginzburg logo na introdução de seu livro *História Noturna*, e nesta descrição é objetada a existência real e perigosa de uma seita que afrontava os preceitos cristãos:

“bruxas e feitiçeiros reuniam-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de ter untado o corpo com unguentos, montando bastões ou cabos de vassoura; em outras

ocasiões, apareciam em garupas de animais ou então transformados eles próprios em bichos. Os que vinham pela primeira vez deviam renunciar à fé cristã, profanar os sacramentos e render homenagem ao diabo, presente sob a forma humana ou (mais frequentemente) como animal ou semianimal. Seguiam-se banquetes, danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiros recebiam unguentos maléficos, produzidos com gordura de criança e outros unguentos” (GINZBURG, 2012, p. 09).

Relatada por outros estudiosos, citados nesta obra de Ginzburg, em toda a Europa as investigações de feitiçaria recolhiam basicamente os mesmos relatos do que se acontecia nestas reuniões. Ao utilizar as pesquisas de K. Thomas, Ginzburg apresentou a importância do sabá para entendimento dos valores vividos pela sociedade ao se identificar as crenças pelas quais deveriam lutar e as quais deveriam reprimir. Ao se observar os limites que eram traçados com a valorização do negativo:

“a escuridão que envolvia os encontros das bruxas e feiticeiros exprimia uma exaltação da luz; a explosão da sexualidade feminina nas orgias diabólicas, uma exortação à castidade; as metamorfoses animais, uma fronteira claramente traçada entre o animal e o humano” (GINZBURG, 2012, p. 16).

Ginzburg também utilizou o autor N. Cohn (*Europe's inner demons*, 1975) que apresentou o sabá como a retomada de um estereótipo negativo milenar que seria apenas passado a outro grupo (GINZBURG, 2012, p. 18). Ao descrever a cronologia das perseguições por parte dos cristãos a diversos grupos, Ginzburg apresentou a intensificação quando se chegou aos bruxos e feiticeiras:

“de um segmento social relativamente circunscrito (os leprosos) passa-se a um grupo mais amplo, mesmo que delimitado étnica e religiosamente (os judeus), até desembocar numa seita potencialmente sem limites (feiticeiros e bruxas). De maneira análoga aos leprosos e judeus, os bruxos e feiticeiras situam-se nas margens da comunidade; sua conspiração é, uma vez mais, inspirada num inimigo externo – o inimigo por excelência, o diabo. Enfim, os inquisidores e os juizes laicos procuraram nos corpos dos feiticeiros e das bruxas a prova física do pacto estipulado com o diabo: o estigma que leprosos e judeus levavam costurado nas roupas” (GINZBURG, 2012, p. 91).

Seria a mulher transformada de conhecedora dos “segredos mágicos” desde a Antiguidade em “artesã demoníaca”, isto porque, então, não se reconhecia a magia além de ser maléfica. A feitiçaria feminina estaria ligada a libertação dos desejos e erotismo reprimidos e a “feiticeira (ou bruxa) representa a intermediária entre a amarga realidade e o mundo do prazer, fornecendo à coletividade os meios mágicos” para esta libertação (HANCIAU, 2009, p. 84). Keith Thomas, em *Religião e o Declínio da Magia* (1991), apontou estudiosos do tema que lançaram o conceito de quem seria a bruxa. Em todos os conceitos citados foi afirmada a relação com o Demônio e a intencionalidade de fazer o mal:

“Do ponto de vista dele (Perkins), a aliança com Satã era a essência da bruxaria e instava à execução de todas as bruxas, sem exceção, não por quaisquer danos que pudessem ter causado, mas porque dependem dele como seu deus’. De modo semelhante, sir Edward Coke definia uma bruxa como ‘uma pessoa que tem conferência com o Diabo para consultá-lo ou para cometer algum ato’. No *Complete christian dictionary* [Dicionário cristão completo], de Thomas Wilson (1612), uma ‘bruxa’ era definida como ‘alguém que pratica artes diabólicas e perversas, tais como as que são descritas em Deuteronômio 18,10 e em Êxodo 22,18’. No suplemento à sexta edição (1655), porém, a definição foi revista, e tornou-se ‘qualquer pessoa que tenha quaisquer tratativas com o Diabo por qualquer aliança ou confederação que seja’” (THOMAS, 1991, p. 358).

Thomas identificou um novo elemento ao conceito europeu de bruxaria a partir do fim da Idade Média. Este elemento era o poder da bruxa provir de um compromisso deliberado com o Diabo, que ligavam um ao outro num laço de fidelidade. Esta nova ideia apresentava que a essência da bruxaria não seria somente o dano causado a outras pessoas – com doenças, mortes, infortúnios financeiros ou amorosos –, mas também, e sendo mais importante, o caráter herético. “A bruxaria tornara-se uma heresia cristã, o maior de todos os pecados, pois envolvia a renúncia a Deus e a adesão deliberada ao seu maior inimigo. O *maleficium* era uma atividade puramente secundária, um subproduto dessa falsa religião” (THOMAS, 1991, p. 357). E nesta nova concepção da bruxaria como aliança explícita com o Mal, foi afirmada a realidade do sabá como a reunião noturna das bruxas para adoração e cópula com o Diabo.

O principal agente da implementação deste caráter herético da bruxaria, deixando para segundo plano o fator de crimes civis, foi a Igreja Católica com a criação e rápida expansão dos inúmeros estudos sobre o Demônio. Ao se produzir tratados de demonologia, juntamente com manuais de identificação e julgamento das bruxas, instaurava-se a perseguição sistemática das feiticeiras. A caça às bruxas teria sido obra de uma forte campanha clerical (THOMAS, 1991, p. 357, 370).

Interessante é a distinção dos conceitos de “bruxa” e “feiticeira”. Normalmente tomamos como sendo pessoas com as mesmas relações com o Demônio. Mas há uma pequena diferenciação entre estas duas personagens. Thomas utilizou o estudo de antropólogos sociais para esta distinção. “A bruxaria é uma qualidade inata, um traço pessoal involuntário, derivado de uma peculiaridade fisiológica que pode ser descoberta na autópsia (...) seus atos são puramente psíquicos” (THOMAS, 1991, p. 376). A bruxa agia tão somente por ela mesma, não necessitando de nenhum instrumento ou fórmula para suas artes – não utilizaria nem palavras, ritos ou poções. A feiticeira necessitaria de instrumentos para a ação: “alguns autores da época viam uma diferença entre a ‘bruxaria’, poder oculto conferido pelo Diabo

que não necessitava de nenhum instrumento ou fórmula, e a ‘feiticeira’, que envolvia o uso de imagens, venenos etc” (THOMAS, 1991, p. 376). O ponto de distinção era o uso da natureza para o mal como sendo estes instrumentos da feitiçaria.

Michelet lançou a pergunta: “de quando data a feiticeira?” e sua resposta indicou o sentimento vivido neste período: “Do tempo da desesperança” (MICHELET, 1992, p. 152). José Rivair Macedo também apontou para as transformações ocorridas na transição do medievo para o moderno. As mudanças se originaram pela crise política na liderança da Igreja nos séculos XIV e XV, pelas heresias que evidenciavam a crise moral da sociedade e as crises econômico-sociais. “O medo do Diabo gerou o medo das feiticeiras. O medo de ambos gerou a perseguição e o extermínio do inimigo visível: as bruxas” (MACEDO, 2014, p. 54). Da mesma forma, Ginzburg discorreu sobre o período de emergência do sabá, identificando-o como a pressuposição da crise europeia do século XIV, da carestia e da peste que segregavam e marginalizavam grande parte da sociedade (GINZBURG, 2012, p. 103). Jules Michelet apontou a construção do *Malleus Maleficarum* como um ato de desespero. A necessidade da existência do manual, assim como de outros do mesmo período, seria a confirmação da presença real do demônio na sociedade, (MICHELET, 1992, p. 152). Pereira Júnior, Silveira e Roberto localizaram temporalmente a construção do *Malleus Maleficarum* de modo a evidenciar as dúvidas vividas pelo próprio clero, corroborando com a ideia de Michelet de que o diabo está ganhando espaço na sociedade e suscitando dúvidas (PEREIRA JÚNIOR; SILEIRA; ROBERTO, 2007, p. 240-241).

Pereira Júnior, Silveira e Roberto (2007) sintetizaram a utilização do *Malleus* como uma importante fonte ao se analisar a sociedade e o momento em que ele foi construído e todos seus partícipes:

“Ver o *Malleus*, aqui, como uma fonte histórica primária pode-nos a ajudar a compreender o sentimento e o modo de pensar médio da sociedade da época. Não há dúvida de que o discurso dos inquisidores está carregado de exagerações e caricaturas, porquanto firme o propósito de incutir e generalizar o medo. Os autores engrandecem a sua obra à medida que exacerbam os perigos da bruxaria” (PEREIRA JÚNIOR; SILVEIRA; ROBERTO, 2007, p. 247).

O manual *Malleus Maleficarum* identificou que o momento sombrio vivido pela civilização proporcionou o aumento da bruxaria: “neste crepúsculo sombrio da civilização, quando se vê o pecado a florescer por todos os lados e por todos os cantos, e a caridade a desaparecer, é que se percebe o prosperar da perversidade das bruxas e das suas iniquidades” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 69). Acusou a existência das bruxas desde o início da

humanidade, mas colocou clara a mudança de comportamento e atitudes entre os períodos medieval (com resquícios do Antigo) e moderno. A ação de incubos aconteceria contra a vontade das mulheres nos tempos mais antigos, enquanto que no período da confecção do manual, elas se entregavam a eles voluntariamente. Tal afirmação era dada pelas próprias bruxas segundo os autores do manual: “mas a teoria de que as bruxas modernas se acham contaminadas por essa espécie de lascívia diabólica não esta consubstanciada apenas em nossa opinião; tal crédito há que ser atribuído ao testemunho abalizado das próprias bruxas” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 235).

As bruxas eram caracterizadas por sinais que foram alegados serem próprios delas: as principais suspeitas recaíam sobre as mulheres que se encontravam sozinhas, fossem solteiras ou viúvas, mas ao mesmo tempo em que diversos processos apontavam para mulheres mais velhas (MACEDO, 2014, p. 56-57), em que representações clássicas a identificava como vítimas idosas e horrorosas (HANCIAU, 2009, p. 83), outros apontavam mulheres jovens e belas (MICHELET, 1992, p. 30) já que era preciso um mínimo de sedução para que se pervertessem os homens (HANCIAU, 2009, p. 83), dados serem exemplos de discussões sobre o refrear a sexualidade, tão apontada como o grande desregramento feminino. Exemplo são as execuções de Anna Papperheimer e sua família<sup>20</sup> descritas no trabalho de Anne Llewellyn Barstow, onde a autora faz uma ampla pesquisa sobre as perseguições às feiticeiras na Europa nos séculos XVI e XVII, no livro intitulado *Chacina de feiticeiras: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa*, de 1995. Anna teve seus seios, que eram elementos da sensualidade feminina fortemente recriminada, decepados antes de se acender a fogueira para sua execução. Para uma mulher que assistiria sua execução este era o recado:

“Decepar os seios de Anna a descaracterizava como mulher, dizia que a coisa mais perigosa nessa mulher maligna era sua sexualidade, que a sua única esperança de salvação estava em tornar-se uma não-mulher. A mensagem para as mulheres na multidão era: seja você também uma não-mulher; seja tão invisível em sua sexualidade e em sua maternidade quanto lhe for possível. No século em que os homens usavam *codpieces* para realçar e ostentar seus órgãos genitais, dizia-se às mulheres: é perigoso mostrar os seios; nem mesmo amamente seus filhos em público” (BARSTOW, 1995, p. 178).

---

<sup>20</sup>A família Papperheimer composta de pai, mãe e três filhos que mantinham a vida como pedintes na Baviera, Alemanha, em 1600. Um assaltante preso entrega o nome da família como cúmplice, além de serem acusados de assassinato de uma mulher grávida com a intenção de fabricar velas a partir de seu feto. Todas as torturas e execuções aconteceram com a presença do filho caçula da família, sendo ele executado somente meses depois dos seus pais e irmãos. O assassinato de fetos e recém-nascidos para diversos fins eram uma das acusações mais comuns imputadas às bruxas (BARSTOW, 1995, Cap. 08).

As descrições das especificidades das feiticeiras perpassavam pelo físico, psicológico, cultural e sociológico, e ainda são motivos de discordâncias e discussões. A antropóloga inglesa Margaret Murray apresentou a feitiçaria como uma religião particular e quem a compunha era uma raça diferente, pequenina, de cabelos loiros, que não deveriam ser perseguidas. Enquanto que foram apresentadas outras características referentes ao cotidiano, pessoas integradas na sociedade que passariam despercebidas, mas que seriam rejeitadas se conhecidas mais intimamente (HANCIAU, 2009, p. 82).

### **3.3 – O Diabo**

Mas quem seria o Diabo, este ser maligno que causou a perdição da humanidade? Explicação importante sobre o demônio se encontra na Bíblia de Jerusalém, livro de Jó, capítulo 1, nota “g”. A etimologia hebraica da palavra satã designa “o adversário” ou “o acusador”, sendo que com o tempo passou a significar seu nome próprio. O demônio foi um anjo expulso do paraíso, juntamente com sua uma horda, por não aceitarem a posição especial que Deus deu ao homem. O livro de Apocalipse, capítulo 12, faz uma dualidade com a apresentação da origem do demônio no início dos tempos com a salvação alcançada pelo sangue do Cordeiro, o próprio Deus. O demônio, neste capítulo desenhado como “o grande Dragão” ou “a antiga Serpente”, se preparava para a destruição da humanidade ao devorar o filho da Mulher prestes a nascer. Mas a batalha travada com os anjos de Deus, liderados por Miguel – que segundo a tradição judaica é o combatente de Deus, e seu nome significa “quem (é) como Deus?” (Apocalipse 12,7) –, derrotou o Inimigo que, juntamente com seus Anjos, foi expulso do céu. Passou a perseguir e guerrear contra “os que observam os mandamentos de Deus e mantêm o Testemunho de Jesus” (Apocalipse 12, 17). Ainda sobre a origem do demônio, quando no livro do Apocalipse ele é tratado com “a antiga Serpente”, é uma referência ao livro do Gênesis, que no capítulo 3 retrata a desobediência frente a Deus ao ceder à tentação da serpente. No Gênesis a serpente foi apresentada como o animal mais astuto da criação e teria convencido a mulher a comer do fruto proibido para alcançar sabedoria, comendo ela e Adão. Deus tendo conhecimento do ato dele os arguiu e puniu aos três: a serpente foi amaldiçoada dentre todos os animais e fadada a rastejar sobre seu ventre; a mulher foi multiplicada as dores do parto e à dominância ao homem; e ao homem foi dada a obrigação do trabalho para a sobrevivência. Entre a serpente e a mulher foi criada uma hostilidade sem limites, em que a mulher esmagará a cabeça da serpente, e esta lhe ferirá o calcanhar (Gênesis 3).



As ideias sobre Satã existiam no início do período medieval, mas não com a mesma expressão que se percebe nos idos de fim daquela era. Com poucas representações nos primeiros séculos do medievo, a partir dos séculos XI e XII se iniciou a propagação da figura maléfica do demônio, não mais somente o anjo caído: “ao menos no Ocidente, a primeira grande ‘explosão diabólica’ (J. Le Goff) que ilustram para nós o Satã de olhos vermelhos, de cabelos e asas de fogo (...) Satã faz então sua grande entrada em nossa civilização” (DELUMEAU, 1989, p. 239). Esta nova realidade estava atrelada à visão do fim do mundo, e dela, conseqüentemente, o crescimento constante das ações demoníacas, inclusive com o aumento do número da feitiçaria (DELUMEAU, 1989, p. 2243-244).

Os estudos sobre o Demônio forma desenvolvidos por teólogos medievais de forma elaborada e requintada. Os pregadores utilizavam imagens de terror para explicar as ações do demônio. Os sermões eram recheados de histórias aterrorizantes das tentações demoníacas. O Demônio era retratado com chifres, cauda e cheiro de enxofre. As esculturas e entalhes em madeira que ornavam as igrejas formaram esta iconografia horripilante, que ainda hoje é vigente (THOMAS, 1991, p. 382). Mas mesmo com toda esta divulgação dos horrores das ligações com o Demônio, há aqueles que buscavam seus préstimos. Por ele próprio ser o tentador atraía para si os que buscavam conhecimento, vingança e, até mesmo, a salvação, numa espécie de barganha da alma que era hipotecada numa “espécie de contrato semifeudal” (THOMAS, 1991, p. 384):

“as pessoas da época estavam plenamente acostumadas a distribuir acusações de demonolatria. A tentação diabólica era uma realidade para muitas pessoas devotas, e a ação do Diabo no mundo era, em geral, reconhecida. Desde esse ponto de vista, a crença de que as bruxas podiam fazer pactos com Satã é facilmente reconhecível como uma conseqüência da retórica religiosa da época” (THOMAS, 1991, p. 387).

O *Directorium Inquisitorum* apresentou uma descrição sobre os considerados heréticos quando havia relacionamento com o demônio. O manual elencou três relacionamentos como o diabo que deveriam ser analisadas: primeiro era, “ao invocar os demônios, prestam-lhes um verdadeiro culto de latria”. O segundo quando se prestavam cultos de dulia. O terceiro havia certa confusão se seria culto de latria ou de dulia<sup>21</sup>, dado o intercalar entre adoração e veneração. Haveria a invocação do demônio através de círculos desenhados no chão e a utilização de crianças e objetos, bem como a recitação de invocações, mas não se explicava as

---

<sup>21</sup> Latria: oferta de sacrifícios e adorações prestando votos de obediência, como se o demônio fosse o próprio Deus. Dulia: cultos de veneração, onde os demônios eram mediadores entre Deus e os homens.

ações de adoração ou veneração (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 55-57). Todos os casos seriam considerados heresias. No primeiro caso se o herege se arrepender deveria abjurar e seria mandado para a prisão. Caso não se arrependesse, não fizesse as penitências necessárias ou reincidisse seria “entregue ao braço secular como um herege impenitente”. No segundo caso se o acusado se arrependesse deveria abjurar e seria preso por toda a vida, se não se arrependesse ou reincidisse seria “surrado até a morte como um herege impenitente”. No terceiro caso, mesmo não ficando claras as práticas de latria ou dulia, seria considerado herege pela gravidade do ato de invocação – que poderia ser considerado latria, segundo a Bíblia (EYMERICH; LA PEÑA, 1993, p. 55-57).

No manual *Malleus Maleficarum* a feitiçaria foi diferenciada de todas as demais ao ser imprescindível o relacionamento direto com o demônio com intenção objetiva de profanar o Nome e as criaturas de Deus:

“é preciso observar especialmente que essa heresia – a da bruxaria – difere de todas as demais porque nela não se faz apenas um pacto tácito com diabo, e sim um pacto perfeitamente definido e explícito que ultraja o Criador e que tem por meta profaná-lo ao extremo e atingir Suas criatura. (...) Ademais, a bruxaria difere de todas as outras artes malélicas e misteriosas pelo fato de que, de todas as superstições, é a mais vil, a mais malélica, a mais hedionda – seu nome latino, *maleficium*, significa exatamente praticar o mal e blasfemar contra a fé verdadeira” (KRAMER; SPRENGER, 1991, p. 77).

Mas não foi somente nos moldes do catolicismo que esta figura do Mal se propagou. A Reforma não teria feito nada para conter esta realidade católica medieval, mais ainda teria propagado e fortalecido, onde “o Diabo era uma realidade mais presente que nunca” (THOMAS, 1991, p. 382). O protestantismo foi um grito contra a “convicção profunda do pecado humano (...). Para Lutero, todo o mundo da realidade visível e da carne pertencia ao Diabo, o Senhor deste mundo” (THOMAS, 1991, p. 382). Os pregadores protestantes produziam seus sermões com histórias de intervenção diabólica na vida cotidiana, que eram comparados aos “*exempla*”<sup>22</sup> acautelatórios da Idade Média”, porém de forma atualizada (THOMAS, 1991, p. 382). Tais crenças de Lutero e seus seguidores “aumentava o medo do diabo na Alemanha protestante, onde teólogos e pregadores convenceram-se de que, aproximando-se o fim do mundo, Satã lançava contra os evangélicos sua última ofensiva” (DELUMEAU, 1989, p. 244).

---

<sup>22</sup> Histórias que contavam as dificuldades infligidas por Deus aos pecadores e as misericórdias concedidas aos piedosos e fiéis.

A Igreja cristã primitiva teria visto os deuses pagãos como demônios. As guerras religiosas acontecidas nos séculos XVI e XVII tinham seus rivais como adoradores de Satã. A Igreja Católica dizia o mesmo dos índios e povos considerados primitivos. Por sua vez, os protestantes afirmavam a mesma coisa dos católicos (THOMAS, 1991, p. 387). Assim a humanidade foi construindo a sociedade que fora permeada por medos que promoviam meios coercitivos e definidores do poder. Delumeau escreveu a concordância entre católicos e protestantes afirmando que ambos viam que o Inimigo buscava sem descanso prejudicar a “infeliz vítima da terra”, a humanidade: homens e mulheres como vítimas e instrumentos do mal. (DELUMEAU, 1989, p. 251).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Keith Thomas, em *Religião e o Declínio da Magia* (1991), trabalhou em dois capítulos a magia dentro da religião. No capítulo dois, *A Magia da Igreja Medieval*, apresentou a forte ideia de que a Igreja Católica foi mantenedora da magia já existente nos tempos pagãos, acusações feitas pelas Igrejas Reformas. Os teólogos disponibilizariam aos fiéis meios que os protegeriam ou libertariam das forças do mal (THOMAS, 1991, p. 53). A devoção dos fiéis, a fé depositada em rituais, amuletos, talismãs e preces, aproximava o povo de Deus. A Igreja Católica medieval teria raciocinado que se tais práticas servissem para a fidelização do povo, assim seriam permitidas, a tal ponto de não haver dissociação entre religião e superstição (THOMAS, 1991, p. 54).

A Reforma teria trazido às claras tais atos da Igreja Católica e contra eles foi sua luta, onde os rituais católicos da consagração, exorcismo e milagres passaram a ser fortemente condenados e os atores de tais atos acusados de bruxos e feiticeiros (THOMAS, 1991, p. 56). A individualidade e a predestinação trazidas pela Reforma colocava o homem mais próximo de Deus. Tudo que fosse intermediário, incluindo o clero com todos seus rituais, deveria ser negado. Para Thomas o protestantismo teria sido uma tentativa de eliminar os elementos mágicos persistente, de extirpar os rituais de eficácia mecânica da Igreja e de abandonar a confiança de que objetos pudessem ter forças sobrenaturais por meio de consagrações e orações de exorcismo (THOMAS, 1991, p. 74).

Mas a Reforma não teria acabado completamente com o sobrenatural vivenciado na Igreja Católica medieval. A magia, na visão dos religiosos, oriunda da ação direta do demônio na população permaneceu real. Como vimos anteriormente, Lutero afirmava suas lutas contra o demônio com demasiada frequência. Quanto à bruxaria “a posição protestante era que a fé firme em Deus constituía uma proteção infalível contra os ataques às almas dos homens. A meta real do Diabo ao molestar os bens materiais era enfraquecer a fé dos homens e seduzi-los para que se afastassem de Deus” (THOMAS, 1991, p. 401). Quanto à feitiçaria, esta foi perseguida tanto pelos tribunais eclesiásticos como pelos protestantes.

O propósito deste trabalho foi apresentar a continuidade de certas questões no pós Reforma. Como vimos, a feitiçaria existiu tanto na Igreja Católica como na protestante. Na Igreja Católica ela foi duramente combatida pela construção de manuais inquisitoriais e pela ação direta do Santo Ofício da Inquisição. O manual utilizado, *Malleus Maleficarum*, nos

trouxe a clara inferioridade das mulheres devido à sua origem. A debilidade e fraqueza moral inerente à sua própria natureza as teriam tornadas mais propensas a pactos com o demônio, o que as levavam às ações de bruxaria, um mal que deveria ser combatido ao se visar à salvação da humanidade.

Na Igreja protestante a feitiçaria permaneceu. A existência real do demônio e o perigo da difamação do nome de Deus era algo a ser combatido. O exemplo utilizado, os relatos dos processos em Salem, nos Estados Unidos da América, retratou bem a permanência no combate à feitiçaria e a atenção dada às mulheres. Apesar de homens também terem sido investigados, as mulheres receberam especial atenção. As mães das crianças, em geral meninas, foram investigadas e acusadas de feitiçaria e condenadas à forca. O que nos mostrou que a dureza do protestantismo puritano perpetuou as mesmas perseguições contra a feitiçaria combatida pela Igreja Católica.

Outro ponto principal a ser apontado, além da manutenção da perseguição à feitiçaria, é a atenção dada às mulheres como já foi dito. A Reforma, com todas suas dissidências, não apresentou outra possibilidade de convívio para elas. A hierarquia social continuou mantendo-as em segundo plano. Aos homens continuaram as tarefas de gerência da sociedade e religiosidade, e às mulheres a manutenção da casa com a responsabilidade da educação primária dos filhos. Da mesma forma que na sociedade católica, as mulheres puritanas eram cunhadas no medo e subserviência. A elas foram dirigidas as principais acusações de desvios de condutas, de alianças com o demônio e ações de feitiçaria, como vimos no estudo sobre Salem. As posturas desvirtuadas do gênero feminino continuaram a perturbar o bom andamento e a paz de toda a sociedade. As leituras que percebemos é que o corpo feminino continuava, como desde os tempos bíblicos, servindo de templo de Deus ou do Demônio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARSTOW, Anne Llewellyn. *Chacina de feiticeiras: uma revisão histórica da caça às bruxas na Europa*. Rio de Janeiro: J Olympio, 1995. Capítulo 8.

BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*; tradução: Marcelo Rede – São Paulo: Globo, 2006.

*BÍBLIA DE JERUSALÉM*, editora Paulus, 2002.

BOSCHI, Caio Cesar. *Exercícios de pesquisa histórica*. Belo Horizonte: Puc Minas, 2011. Capítulo: O HISTORIADOR, OS ARQUIVOS E AS NOVAS TECNOLOGIAS, notas para debate.

BOTELHO, Max. *A Inquisição Protestante*. Pergaminho, (4):16–23, dez. 2013. Disponível em: <<http://pergaminho.unipam.edu.br>>. Acesso em: maio/2014.

BRONOWSKI, Jacob; MAZLISH, Bruce. *A Tradição Intelectual do Ocidente*. Edições 70, 2002. Capítulo VI: A Reforma.

CALVINO, João (1509-1564). *As Institutas da Religião Cristã: edição especial com notas para estudo e pesquisa/ v. 1*. Tradução: Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

*CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA*, editora Vozes Ltda, 1993.

COLLINSON, Patrick. *A Reforma*; tradução de S. Duarte. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *João Calvino 500 anos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna*; tradução: Mariza Corrêa – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Capítulo V.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada*; tradução: Maria Lucia Machado, tradução das notas Heloísa Jahn – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_ *La Reforma*; traducción por José Termes. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1977.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*; tradução: Rogério Fernandes – 3ª edição – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. – (Biblioteca do pensamento moderno).

EYMERICH, Nicolau. *Directorium Inquisitorum - Manual dos Inquisidores; comentários de Francisco de La Peña*; tradução de Maria José Lopes da Silva – Rio de Janeiro: 2ª edição, Rosa dos Tempos; Brasília, DF: Fundação Universidade de Brasília, 1993.

FERREIRA, Franklin. *O Movimento Puritano e João Calvino*. Revista Fides Reformata, Volume IV, 1999. Disponível em: [mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME IV 1999 1/Franklin.pdf](http://mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IV_1999_1/Franklin.pdf). Acesso em: agosto/2014.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna, Decifrando o Sabá*. Tradução Nilson Moulin Louzada – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HANCIAU, Nubia. *O universo da feitiçaria, magia e variantes*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 75-85, out./dez.2009. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/6548/4754>. Acesso em: outubro/2014.

HESPANHA, António Manuel. *Imbecilias: as bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*. São Paulo: Annablume, 2010. Capítulo 5.

HUTCHINSON, Gov. Thomas. *The Witchcraft Delusion of 1692*. Boston: David Clapp & Son, 1870. Disponível em: [http://saalem.lib.virginia.edu/texts/tei/HutPool?div\\_id=d1e184#d1e184](http://saalem.lib.virginia.edu/texts/tei/HutPool?div_id=d1e184#d1e184). Acesso em: julho/2014.

JORGE, Fernando. *Lutero e a Igreja do Pecado*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

PEREIRA JÚNIOR, Edvaldo Costa; SILVEIRA, Fabiano Augusto Martins; ROBERTO, Giordano Bruno Soares. In GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa.; SILVEIRA, Jacqueline Passos da.; AMARAL, Carolline Scofield (orgs.). *História do Direito: novos caminhos e novas versões*. Belo Horizonte: Mandamentos, 2007. Capítulo 8.

KARNAL, Leandro; PURDY, Sean; FERNANDES, Luiz Estevam; MORAIS, Marcus Vinícius de. *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. 3ª ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum – O martelo das bruxas*; tradução: Paulo Fróes – Rio de Janeiro: 6ª edição, Rosa dos Tempos, 1991.

MACEDO, José Rivair. *A Mulher na Idade Média – 5ª ed.*, São Paulo: Contexto, 2014.

MATTES, Darya. *Children*. 2004. Disponível em: <http://saalem.lib.virginia.edu/people?group.num=G11&mbio.num=mb41>. Acesso em: julho/2014.

MATOS, Alderi Souza de Matos. *Puritanos e Assembléia de Westminster, Os puritanos: sua origem e sua história*. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/7058.html>. Acesso em: agosto/2014.

MICHELET, Jules. *A Feiticeira*; tradução: Maria Luiza X. de A. Borges – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. *Por uma história do possível: o feminino e o sagrado nos discursos dos cronistas e na historiografia sobre o "Império" Inca*. 231 f. : Tese (Doutorado)-Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2006. I parte, cap.2.

RAGOSTA, Seth. Rev. Samuel Parris. 2002. Disponível em: <http://saalem.lib.virginia.edu/people?group.num=G08&mbio.num=mb39>. Acesso em: julho/2014.

SELLERS, Charles; MAY, Henry; McMILLEN, Neil R. *Uma Reavaliação da História dos Estados Unidos*, tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 1990.

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*; tradução: capítulos 1 a 8 Denise Bottmann, capítulos 9 a 22 Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

UPHAM, Charles Wentworth. *Salem witchcraft; with an account of Salem village, and a history of opinions on witchcraft and kindred subjects, volume I and II. Part First-Salem Village e Part Third-Witchcraft at Salem Village*. Disponível em: [http://saalem.lib.virginia.edu/texts/tei/Uph1Wit?div\\_id=d1e307](http://saalem.lib.virginia.edu/texts/tei/Uph1Wit?div_id=d1e307). Acesso em: julho/2014.

VALENÇA, Rachel Teixeira. *Biblioteca de História, Grandes personagens de todos os tempos, LUTERO (1483-1546)*. São Paulo: Três, 1974.



## DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, Juliana Taís Havrechak, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado *RELIGIÃO, PODER E GÊNERO: UMA LEITURA SOBRE AS FEITICEIRAS E O CRISTIANISMO NA IDADE MODERNA*, foi integralmente por mim redigido, e que assinali devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

---

Juliana Taís Havrechak

Brasília, 23 de Março de 2015.